

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política

A MUDANÇA ANUNCIADA

O cotidiano dos Jornalistas e a Revolução

Informacional

Maria José Baldessar

Maria José Baldessar

A MUDANÇA ANUNCIADA

O Cotidiano dos Jornalistas e a Revolução

Informacional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em sociologia Política do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do grau de mestre sob a orientação da Professora Doutora Bernardete Wublewski Aued.

Santa Catarina

30 de outubro de 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**A Mudança Anunciada. O Cotidiano dos Jornalistas e
a Revolução Informacional**

Maria José Baldessar

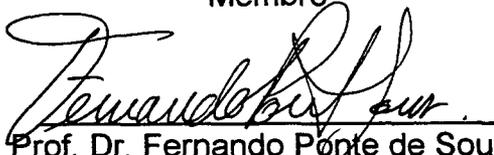
***Esta Dissertação foi julgada e aprovada
em sua forma final pela Orientadora e
Membros da Banca Examinadora,
composta pelos Professores:***



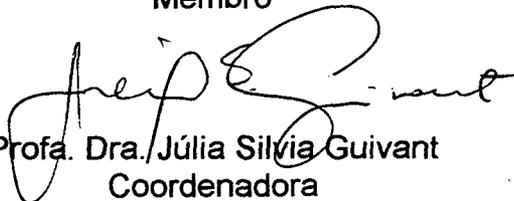
Prof. Dra. Bernardete Wrublevski Aued
Orientador



Prof. Dra. Lúcia Emília Nuevo Barreto Bruno
Membro



Prof. Dr. Fernando Ponte de Sousa
Membro



Prof. Dra. Júlia Silvia Guivant
Coordenadora

Florianópolis, novembro de 1998.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Introdução 07

CAPÍTULO I

1. MUDANÇAS NO COTIDIANO DOS JORNALISTAS 16

1.1 Limpeza, Silêncio e Agilidade 17

1.2 O Controle de Trabalho 19

1.3 Acumulação Flexível, Globalização e a Polivalência 21

1.4 Novas Ferramentas, mais Produtividade 24

1.5 Imagem e Representação Social da Profissão 25

1.6 A Construção da Identidade Profissional 28

1.7 Os atributos de uma Profissão 30

1.8 Da arte de ser escritor ao profissional jornalista 31

1.9 Do Improviso à Profissionalização 34

1.10 Sindicatos e Federação:

A Formação da Estrutura Corporativa 36

1.11 Uma Profissão Legal – Getúlio Regulamenta
a Profissão no Brasil 38

1.12 Ética Profissional: Na Pauta desde
os Primórdios do Jornalismo 41

1.13 Um Recuo de 50 anos para Entender o Futuro 42

1.14 Indústria Cultural e Racionalidade Gerencial	46
CAPÍTULO II	
2. TECNOLOGIA E O JORNALISMO	48
2.1 Os Significados da Palavra Tecnologia	50
2.2 Tecnologia e Crise	52
2.3 Novas Tecnologias e Resistência	55
2.4 Os Jornalistas e a Resistência ao Computador	56
2.5 Novos Instrumentos de Trabalho e o Processo de Criação e Extinção de Ofícios	62
CAPÍTULO III	
3. A “REVOLUÇÃO” INFORMACIONAL	68
3.1 A “Revolução” no Trabalho	69
3.2 Uma Revolução diferente	73
3.3 Computador na Redação e no Jornalismo	76
3.4 O Teletrabalho	78
3.5 O Exemplo do Le Monde	79
3.6 Os Jornalistas Brasileiros e o Teletrabalho	80
3.7 Mudanças n Condição Social dos Jornalistas	81
3.8 A necessidade de reciclagem para enfrentar o novo século	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
BIBLIOGRAFIA	91

AGRADECIMENTOS

A Professora Doutora Bernardete Wrublevski Aued, orientadora e, muitas vezes, confidente.

Aos colegas professores do Curso de Jornalismo da UFSC, Neila Bianchin, Eduardo Meditsch, Valci Zuculotto, Nilson Lage, e Regina Zandomênico pelas idéias e apoio.

Aos profissionais que escreveram e participaram do Grupo de Discussão e que tiveram a paciência de serem entrevistados.

Aos companheiros do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina.

A meus pais e irmãos, em especial a Maria Zélia, que sempre atende o telefone quando eu preciso.

RESUMO

Esta pesquisa analisa a introdução do computador na redação do jornal e as mudanças no cotidiano profissional dos jornalistas. Procura contextualizar a profissão ao longo da história do país para delimitar as mudanças significativas. Dedicar especial atenção às mudanças na estrutura física das redações, no processo de trabalho e, principalmente, as mudanças sociais no cotidiano deste profissional

ABSTRACT

This dissertation analyses the insertion of computers into newsrooms and the changes they brought to journalists professional routine. It gives a context of journalism throughout Brazilian history, so as to establish the changes that can be considered important and if are elements of change.

It also comments on the changes in newsrooms physical structure, job processes, and particularly on the social changes in journalists routine.

INTRODUÇÃO

Analisar alguns aspectos da mudança que a introdução do computador na redação do jornal traz ao cotidiano dos jornalistas é o objetivo dessa pesquisa.

A idéia de estudar esse assunto começou a se formar quando, com o intento de estudar as políticas desenvolvidas e recomendadas pela ANJ – Associação Nacional dos Jornais- entidade corporativista dos empresários de comunicação, percebi o grande interesse dos mesmos pelo assunto “novas tecnologias de comunicação”. A isso, some-se a experiência pessoal e profissional vivenciada durante a implantação do Jornal Diário Catarinense - o primeiro a nascer informatizado na América Latina, e compartilhada com os companheiros de profissão. Na época, 1985, depois de superadas as expectativas de enfrentar o novo e as angústias do momento, descobrimos que o computador era apenas uma máquina. No entanto, era, também, portador de boas e más notícias: tínhamos que nos aperfeiçoar, estudar mais, superar os preconceitos; em contrapartida a redação ficou mais limpa, silenciosa, o texto podia ser salvo, cortado, copiado sem contratempos.

O somatório dessas experiências me fez refletir se o computador realmente se constituiu num elemento de mudança ou, se a exemplo de outras ferramentas, metamorfoseou a realidade?

A estratégia para pensar a questão, foi eleger como aspecto central, a trajetória profissional em suas diversas nuances. Acreditando que as novas tecnologias estão presentes no cotidiano dos jornalistas e que os mesmos fazem uso freqüente delas, busquei apoio na Internet, através da formação de um Grupo de Discussão. Reforcei a busca por respostas através do contato pessoal com jornalistas jovens e idosos, usando como instrumento entrevistas abertas.

Tinha uma hipótese preliminar: a informatização, que sem dúvida já adentrou todos os “poros” da redação do jornal, não alterou a composição social da profissão, mas reforçou a adequação à ordem vigente. A hipótese confirmou-se, pois o jornalista continua a vender sua força de trabalho de forma assalariada. Diante de seu produto final, este lhe é estranho, aliás como acontece com todos os produtos da era capitalista. As mudanças recentes elevaram a sua produtividade, intensificando a jornada de trabalho. Entretanto, aquilo que poderia “facilitar” a vida, em algumas situações, dificulta.

Estrutura da dissertação

No primeiro capítulo, analisamos as mudanças ocorridas na redação e nos procedimentos de trabalho percebidas pelos jornalistas, além das mudanças sofridas na estrutura gerencial das empresas. Procuramos, ainda, contextualizar a evolução da profissão no Brasil, utilizando os

critérios estabelecidos por Wilenski¹ : 1) definição de uma área de trabalho como uma ocupação em tempo integral; 2) criação de uma escola profissional; 3) formação de uma associação profissional; 4) representantes da ocupação fazem pressão política para conquistarem apoio legal no sentido de conseguirem controlar o seu trabalho; e a promulgação de um código ético próprio. Salientamos o processo de construção da identidade profissional e social dos jornalistas e as exigências de qualificação para enfrentar o século XXI.

No segundo capítulo, trabalhamos os diversos conceitos de tecnologia e a adoção da mesma nos momentos de crise do capitalismo, como forma de aumentar a produtividade e assegurar a manutenção do lucro. Como resultante do processo de adoção das tecnologias está a resistência dos trabalhadores – expressa na recusa do domínio da máquina, no medo do desemprego. No caso dos jornalistas, mostramos que essa resistência é episódica e que a ação sindical se limita ao estabelecimento de cláusulas em acordos e dissídios coletivos. Neste capítulo mostramos ainda o processo de criação e extinção de ofícios e profissões quando da adoção de novas tecnologias.

No terceiro capítulo discutimos a chamada revolução informacional, ocorrida a partir da junção da informática com as de telecomunicações, dando origem as novas tecnologias de comunicação, como a Internet, que de tem mudado costumes e procedimentos. Procuramos entender se esse momento é revolucionário ou se caracteriza

¹ WILENSKI, H. L. *The Professionalization Everyone?* . American Journal of Sociology. 1964.

como uma metamorfose ou, como define Castel², “... dialética do mesmo e do diferente (...)”.

Analizamos se o computador contribui para mudar a condição social do jornalista, ou se, como produto do capitalismo, contribui para perpetuar as relações entre capital e trabalho.

Para obter os resultados desejados optamos por entrevistar jornalistas que vivenciaram o processo da transição entre a máquina de escrever e o computador, sendo possível visualizar as mudanças no cotidiano profissional. Entrevistamos, 16 profissionais que exercem o jornalismo nos diversos ofícios que a profissão comporta – editores, repórteres, diagramadores, assessores de imprensa, e nos diversos níveis de hierarquia de uma redação, e em diversas empresas como mostra a tabela a seguir:

NOME	DATA	ATIVIDADE	EMPRESA	CIDADE/UF
Ana Estela Pinto	22 11/97 25/01/98	Coordenadora de Treinamento	Folha de São Paulo	São Paulo/SP
Carlos Damião W. Martins	04/05/97	Editor	Jornal O Estado	Florianópolis/SC
Carlos E. Lins da Silva	06/03/98	Colaborador	----- -	São Paulo/SP
Clóvis Rossi	25/01/98	Colunista	Folha de São Paulo	São Paulo/SP
Celso Vicenzi	24/11/97	Repórter	Diário Catarinense	Florianópolis/SC

2 CASTEL, Robert. *As Metamorfoses das Questões Sociais*. Petrópolis, Vozes, 1998.

Carlos Marona	24/03/98	Editor-Chefe	Rede Globo	Rio de Janeiro
Carlos Heitor Cony	23/01/97	Colunista	Folha de São Paulo	São Paulo/SP
Carlos Castilho	26/07/98	Colaborador	World Paper	Boston/ EUA
Eduardo Tessler	20/11/97	Editor	Jornal Zero Hora	Porto Alegre/RS
Eliane Azevedo	24/11/97	Chefe de reportagem	O Globo	Rio de Janeiro
João A Neto	25/03/97	Aposentado	O Globo	Rio de Janeiro
Luis Meneguini	09/10/97	Diretor Executivo	Jornal A Notícia	Joinville/SC
Marcelo Rech	20/11/97	Diretor de Redação	Jornal Zero Hora	Porto Alegre/RS
Mário Pereira	15/10/97	Editor-chefe	Jornal O Estado	Florianópolis/SC
Nilson Lage	03/04/98	Professor	UFSC	Florianópolis/SC
Sérgio M. de Andrade	05/04/98	Presidente do SJPSC		Florianópolis/SC

A opção por analisar o processo de informatização em diversas empresas e com jornalistas de diversas áreas, foi feita a partir da avaliação de que a adoção do computador foi simultânea no país inteiro, revelando a necessidade das empresas de se modernizarem para enfrentar as exigências do mercado.

Paralelamente às entrevistas pessoais, ousamos ao utilizar a Internet como forma de levantar dados e conversar com jornalistas em diversas regiões do país.

Através da proposição de um Grupo de Discussão, que interagiu

durante todo o segundo trimestre de 1997, foi possível obter informações e enriquecer a pesquisa. O grupo de discussão se reunia sempre que alguém propunha um novo assunto, ou questionava o que estava sendo discutido. Ao todo 93 jornalistas participaram do grupo de discussão, sendo que os abaixo relacionamos discutiram, pelo menos, os seguintes questionamentos: 1.) O computador revolucionou a profissão? 2.) Como você usa o computador? 3.) Você identifica processos de resistência ao computador no cotidiano profissional? 4.) Quais as exigências que o uso do computador trouxe e quais as qualificações necessárias para enfrentar essa realidade? O que mudou, objetivamente, no seu dia-a-dia. Os demais, discutiram uma ou outra questão, não participando com constância do grupo. O resultado das discussões permeia toda a construção da dissertação e aparece em diversos momentos no corpo da mesma.

Jornalistas que participaram do grupo de discussão através da Internet

Adriana Machado	Assessora de Imprensa	Sind. Dos Bancários	ES
Adriana Blak	Repórter	Jornal de Bairros de O Globo	RJ
Aldo Paes Barreto	Repórter	Jornal do Commercio	PE
Ana Prado	Redatora	O Liberal Online	Pará
Amélia Gonzalez	Sub-editora	O Globo	RJ
André Jockyman	Free-lance		SP
Armando Nogueira	Colunista	Jornal do Brasil	RJ

Aydano André Motta	Repórter	O Globo	RJ
Barbara Oliveira	Editora de Informática	Jornal da Tarde	SP
Catherine Vieira	Repórter de Economia	O Dia	RJ
Celso Calheiro	Editor	Jornal do Commercio	PE
Cláudio Prudente	Chefe da Diagramação	O Globo	RJ
Costabile Nicoletta	Repórter de Economia	O Estado de SP	SP
Daniel Aisenberg	JB Online	Jornal do Brasil	RJ
Daniela Caride	Repórter	Gazeta Mercantil	SP
David Coimbra	Editor Esportes	Zero Hora	RS
Eduardo Tessler	Editor Executivo	Zero Hora	RS
Eleonora do Canto	Secretária de redação	Folha de São Paulo	SP
Eliane Azevedo	Repórter	O Estado de SP	SP
Flávia Oliveira	Repórter de economia	O Globo	RJ
Frances Jones	Redatora	O Estado de SP	SP
Gilberto Dimenstein	Colunista FSP	Folha de São Paulo	SP
Gilvandro Filho	Editor Informática	J. Comércio Online	PE
Ivana Ebel	Repórter	NH	RS
Kátia Reichow	Editora	Zero Hora	RS
Laurindo Ferreira	Chefe de Reportagem	Jornal do Commercio	PE
Leonel Vasconcelos	Redator	A Gazeta	ES
Luiz M. Carvalho	Repórter	Jornal da Tarde	SP

Luiz Zini Pires	Editor Internacional	Zero Hora	RS
Marcelo Gigliotti	Redator e Editor	Globo On	RJ
Marco A. Mendonça	Redator	JB line	RJ
Mario Vianna	Editor de Turismo	O Estado de São Paulo	SP
Mauricio Correa	Repórter	Gazeta Mercantil	SP
Pablo Fulvio Pereira	Repórter	O Estado de São Paulo	SP
Paulo Roberto Pereira	Free-lancer		AM
Paulo Silber	Editor executivo	O Liberal	Pará
Regina Eleutério	Repórter	O Globo	RJ
Rodrigo Asturian	Editor Internet	Gazeta do Povo	PR
Rosane de Oliveira	Editora	Zero Hora	RS
Sandra Carvalho	Repórter	J. Commercio	PE
Symona Gropper	Assessora de Imprensa		BA
Tatiana Learth	Repórter	Jornal da Paraíba	PB
Vany Laubé	Free-lancer		
Wilson Tosta	Repórter	Folha de São Paulo	SP

Como jornalista não poderia desconsiderar as matérias de jornais - corporativos ou não - e artigos de revistas como fonte de pesquisa. Através desses materiais foi possível perceber tendências e, também, ver

como os jornalistas materializam a produção e uso de tecnologia no próprio cotidiano.

Outra fonte de pesquisa rica e extremamente útil foram os depoimentos gravados pelo Projeto Memória do Jornalismo, desenvolvido pelo Curso de Jornalismo da UFSC e Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina. Nestes depoimentos, jornalistas como José Hamiltom Ribeiro, Nilson Lage, Clóvis Rossi, Armando Burd, Zuenir Ventura e Gilberto Dimenstein discutem não só a introdução de novas tecnologias mas, contextualizam as mudanças ocorridas na profissão em diversos momentos da história, nos permitindo perceber a dinâmica na construção da profissão e do cotidiano.

Capítulo I

MUDANÇAS NO COTIDIANO DOS JORNALISTAS

A adoção de novos instrumentos de trabalho e as formas de utilizá-los tem metamorfoseado o cotidiano dos jornalistas sem, no entanto, mudá-lo radicalmente. Esta pesquisa analisa as mudanças no cotidiano dos jornalistas a partir da chegada do computador na redação do jornal, identificando aspectos da relação do profissional com o novo instrumento. Ele é recebido primeiro com medo, depois este cede lugar ao encantamento. O computador facilita a execução das tarefas e inegavelmente, melhora o visual do ambiente de trabalho. Para obter maior desempenho das máquinas e garantir a produção, a redação é climatizada. O computador acaba com o matraquear das máquinas de escrever, trazendo silêncio e limpeza.

Em contraposição ao silêncio e ao conforto do ar-condicionado, o novo instrumento acentua a ocorrência de doenças do trabalho, especialmente as conhecidas LER – Lesões por Esforço Repetitivo. O

teletrabalho, ainda, não se difundiu inteiramente entre os jornalistas brasileiros.

1.1 Limpeza, Silêncio e Agilidade

O processo de informatização das redações dos jornais e revistas no Brasil começou na década de oitenta. A introdução dos microcomputadores mudou o cotidiano profissional dos jornalistas, que tiveram de se adaptar a uma outra realidade profissional: a exigência de maior qualificação, a especialização crescente, as modificações nas condições de trabalho e, sobretudo, a intensificação do trabalho.

Na pesquisa "Campo Profissional e Mercado de Trabalho em Comunicação no Brasil" verificou-se que 89% dos entrevistados percebem mudanças significativas na profissão, e 79 % atribuem estas mudanças à introdução de novas tecnologias nas redações.³ Um artigo publicado na Revista Imprensa sobre a informatização do Jornal O Globo descreve as mudanças no ambiente da redação, estabelecendo um paralelo entre a redação do passado e a atual.;

“...uma louca sinfonia de gritos, gargalhadas, telefones, campanhas reverberavam impunemente (...) as Olivetti e Remington que não sofriam de arritmia eram disputadas no tapa (...) e o impiedoso papel carbono tingia mesas, paletós, mangas de camisa, dedos, mãos e rostos menos atentos (...) montanhas de laudas se formavam para qualquer lado que se olhasse (...) hoje as persianas amarrotadas foram substituídas por um moderno sistema de iluminação que inclui um requinte inimaginável: calhas especialmente desenhadas, cujos focos de luz só iluminam as mesas dos terminais, sem

³- A pesquisa “Campo profissional e mercado de Trabalho no Brasil” está sendo desenvolvida pelo Núcleo de Estudos Profissionais e Mercado de Trabalho, da Universidade de São Paulo, em parceria com 58 instituições de ensino de comunicação do país. O objetivo da pesquisa é conhecer a inserção no mercado dos profissionais egressos dos cursos de comunicação no período compreendido entre 1983 a 1993. A pesquisa está em fase de acabamento e os dados correspondem ao período 1986 a 1993 já foram analisados.

*reflexos nos olhos ou nas telas (...) um sistema de ar condicionado central acabou com o clima tropical que sufocava (...) e a sinfonia das pretinhas deu lugar a um silêncio cibernético, propiciado pelos 140 terminais e suas 138 teclas (...) e a limpeza, nada de montanhas de papel”.*⁴

As mudanças na redação são percebidas pelos jornalistas de diversas formas, não só no ambiente e na estrutura física, mas, também, uma nova relação com o texto, objeto de trabalho dos jornalistas. O fazer texto através do computador e de suas possibilidades no processamento e arquivo de texto, ganha mobilidade e rapidez.

*“ (...) mas é no terminal que se escondem as mais saborosas novidades para qualquer jornalista (...) para começar o usuário fica dispensado da preocupação com o fim de cada linha, o computador hifeniza (...) a tela pode ser dividida em duas, de um lado a matéria do repórter e do outro a do redator (...) o computador também permite a inserção de qualquer informação, em qualquer ponto.”*⁵

A partir das estações de trabalho informatizado é possível, através de determinados softwares, saber quem trabalha em determinada mesa, quem está utilizando determinada máquina, o teor de cada versão escrita, quanto tempo o jornalista demora para executar as tarefas que lhe são impostas.

*“ ... uma simples tecla coloca o trecho precioso da reportagem onde o usuário determine (...) sabe-se por ele o número da mesa usada, o teor de cada versão, a identidade de quem mexeu e a íntegra das alterações com a precisão de horas, minutos, e um incrível instrumento de aferição do desempenho de cada jornalista.”*⁶

⁴ - Artigo publicado na Revista Imprensa, em setembro de 1987, e assinado por Astrid Fontenelle e Débora Chaves. Neste artigo são descritas as condições da redação do Jornal O Globo antes e depois da informatização.

⁵ - Idem nota de rodapé acima citada.

⁶ - Idem nota de rodapé acima citada.

1.2 O Controle de Trabalho

Para obter a rentabilidade é necessário controlar e medir o trabalho. A informatização das redações dos jornais é uma importante ferramenta que assegura esta rentabilidade, implementa a divisão entre planejamento, execução das tarefas e controle da mesma.

Objetivamente, esse controle pode ser aferido através do horário do fechamento dos jornais ou o chamado *dead-line*. Nas entrevistas realizadas, boa parte deles afirma que, surpreendentemente, o jornal “fecha” mais cedo, ou seja, fica pronto mais cedo. Segundo as mesmas entrevistas, os jornalistas não associam o “fecha mais cedo” ao controle do trabalho e ao estabelecimento de novas formas de poder:

“... o fato mais curioso dessa mudança foi o fechamento cada vez mais antecipado. Em vez de o computador permitir um fechamento tardio, tornando os jornais cada vez mais atualizados, a ditadura do industrial criou prazos cada vez mais exigüos. A tecnologia ficou a favor de um jornal que chega mais cedo na banca”.

“... acho que o jornalista ganha mais controle e domínio sobre seu próprio trabalho, rompendo a característica de linha de montagem que tanto desvirtua a informação da origem ao receptor final. Mas deixo uma pergunta: por que, quanto mais os jornais investem em tecnologia, mais cedo têm de fechar as edições? Eu não tenho a resposta”.

“... eu ainda não refleti se isto implica em maior controle do trabalho, mas que o jornal fecha mais cedo agora, fecha”.

“... o jornal fecha mais cedo e eu, tenho certeza, trabalho bem mais.”

“... eu acho que hoje há mais que controle de trabalho, nós estamos presos. Antes do computador havia o talento, agora somos mais ou menos todos iguais: todos operamos a mesma máquina. Não adianta ser bom numa coisa, é preciso ser mais”.⁷

A possibilidade do controle do trabalho e mesmo da produtividade individual ainda não preocupa esses profissionais, talvez pela especificidade do produto que deriva do seu trabalho.

“Mudaram o ambiente e as condições de trabalho. Trabalhamos com mais velocidade e acho que produzimos mais. Mas temos novos problemas como por exemplo, cair o sistema na hora do fechamento.”

“Houve mudanças de comportamento, de rotinas de trabalho e de cultura da profissão.”

“Não é diferente do que nossos ancestrais faziam, não importando qual a tecnologia empregada. A essência continua sendo apurar, escrever, editar.”

“Sumiu o barulho das máquinas, ganhamos em agilidade, temos uma enorme gama de informações invadindo as redações através dos computadores.” Respostas obtidas através do Grupo de Discussão, via Internet. No Grupo os participantes discutiram suas percepções de mudanças no ambiente de trabalho.⁸

A percepção da mudança no ambiente físicos da redação está associada ao tempo da introdução do computador na redação, que é relativamente curto na maioria dos jornais, isto é, dos anos 80. No entanto, isso não significa que as mudanças físicas sejam significativas. Mudaram

⁷ - Respostas obtidas através do Grupo de Discussão, via Internet, e de entrevistas pessoais com um jornalista da Folha de São Paulo (São Paulo) e um da Zero Hora (Porto Alegre). No Grupo de Discussão, especificamente, os participantes discutiram a questão do controle do trabalho.

⁸ - Entrevistas realizadas com jornalistas da Folha de São Paulo (São Paulo), Zero Hora (Porto Alegre) e Jornal A Notícia (Joinville).

os instrumentos de trabalho e a estrutura física das redações, mas a relação capital/trabalho continua a mesma.

1.3 Acumulação Flexível, Globalização e Polivalência

Segundo algumas formulações teóricas, com a introdução de novas tecnologias nas empresas em geral, muitas profissões irão desaparecer, outras se transformar, tendo como consequência o desemprego. Para Rifkin as tecnologias informacionais podem substituir o homem na execução de tarefas.

"... determinadas tecnologias prometem substituir a própria mente humana, colocando máquinas inteligentes no lugar dos seres humanos em toda escala da atividade humana. As implicações são profundas e de longo alcance. Mais de 75% da força de trabalho na maior parte das nações industrializadas estão desempenhando funções que são pouco mais que simples tarefas repetitivas. Máquinas automatizadas, robôs e computadores cada vez mais sofisticados podem desempenhar muitas, se não a maioria dessas tarefas. Só nos Estados Unidos, isto significa que nos próximos anos, mais de 90 milhões de empregos, de uma força de trabalho de 124 milhões de pessoas, estão seriamente ameaçados de serem substituídos pelas máquinas".⁹ (RIFKIN, 1995:50)

Analisando especificamente a profissão de jornalista, Lage acredita que esta será uma das profissões menos atingidas pelo desemprego tecnológico, resultante da reengenharia das empresas.

"... nem repórteres, nem redatores, nem revisores ou mesmo projetistas gráficos têm seus empregos ameaçados pela tecnologia, a curto e médio prazos. Ampliou-se sem dúvida, o âmbito de suas atribuições. A reciclagem necessária para isso é do tipo inclusiva - isto é, nos obriga a acrescentar a nossas habilidades o manuseio de sistemas informatizados e o conhecimento

⁹ - Sobre o desaparecimento de determinadas funções e profissões e as consequências no mercado de trabalho verificar Rifkin (1995: 17,153,181), Arrigui (1996: 246), Lojkin (1995:167).

de processos de telemática, afora a percepção mais aguda das questões sociais contemporâneas (...) a realidade da convergência tecnológica fará surgir um novo tipo de jornalista, informado sobre questões relacionadas com a produção de mensagens em sistemas informatizados e telemáticos”.

(LAGE, 1995:02)

Os dados empresariais sobre investimentos em novas tecnologias, qualificação de mão-de-obra, oferta de novos postos e, principalmente, redução nos custos finais dos produtos confirmam a hipótese da metamorfose da profissão, enfatizando a necessidade de conhecimentos polivalentes.

No entanto, o processo de adoção de novos instrumentos de trabalho e de outros procedimentos, nas redações não constitui um processo isolado. A globalização da economia impõe às empresas jornalísticas, não só brasileiras, o emprego de recursos tecnológicos como uma das formas para otimizar a competitividade e se credenciar para disputar mercados em expansão.¹⁰

Segundo Harvey (1994), o capitalismo tem a capacidade de se adaptar ao contexto. Na atualidade essa adaptação se manifesta em alterações radicais nos processos de trabalho, hábitos de consumo, configurações geopolíticas, divisão política e práticas de Estado. Para

¹⁰ - Para o Presidente da Federação Internacional dos Jornais, Maurício Sirotski, o uso de tecnologia é essencial para a competição no mercado: “...a tecnologia é uma dádiva, não uma ameaça, basta que saibamos direcioná-la para a nossa felicidade (...) nós podemos viver numa democracia eletrônica com o indivíduo dominando o acesso à informação e se beneficiando dela, onde o teletrabalho, as telecompras e o fácil acesso à tecnologia nos permitem produzir mais e com menor desgaste (...) obviamente que teremos que nos adaptar a essa realidade. O trabalho vai mudar, as empresas e os trabalhadores deverão se preparar para enfrentar a tecnologia (...) vai ser preciso o domínio de técnicas múltiplas...”. Artigo publicado na Folha de São Paulo, em 27 de abril de 1997, p. 3.

Harvey o modelo fordista de produção é substituído por outro, o da "acumulação flexível".¹¹ Esse modelo é caracterizado pela expansão geográfica com a formação de grandes corporações internacionais, pela transformação nos processos de trabalho - desregulamentação e flexibilização (subcontratação, emprego temporário, atividades autônomas, expansão do setor de serviços), desqualificação associada à polivalência, uso de tecnologia de ponta para aumentar a produtividade e, principalmente pela acumulação de riqueza não estar mais associada unicamente à produção.

O modelo idealizado por Henry Ford no início do século, consolida-se mundialmente após a segunda guerra mundial. Observa-se então, nos países desenvolvidos, uma forte intervenção do Estado na economia, uma profunda articulação entre o consumo e a produção - que resulta no crescimento da produção, dos níveis de emprego, da produtividade e do consumo de massa. Na organização fordista, o trabalho é rígido, com uma clara separação entre a gerência e a execução de tarefas; a produção é seriada e em massa, com parcelização das tarefas e conseqüente intensificação do ritmo de trabalho.

11 Para Harvey (1989) a acumulação flexível se caracteriza por um confronto direto com a rigidez do fordismo: "... ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados, e, sobretudo taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como em regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no setor de serviços, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (...). Ela também envolve um novo movimento que chamarei de compressão do espaço - tempo no mundo capitalista - os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitam, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variado". (HARVEY, 1989: 14)

Estabelecer as diferenças entre o modelo fordista e a chamada acumulação flexível são importantes para situar teoricamente as mudanças no processo de trabalho dos jornalistas. A introdução do computador na redação do jornal implica em mudanças mas, paradoxalmente, elas não mudam o lugar social do jornalista, muito embora seu cotidiano o configure como outro trabalhador. O jornalista ainda é assalariado. Nessa realidade ele se apresenta como um trabalhador diferente, adaptado a esse cotidiano redefinido. É polivalente, capaz de apurar, redigir, revisar e diagramar, o que antes era feito por diversas pessoas. Além disso deve ter conhecimentos de outros idiomas e de informática, condições indispensáveis para o mercado.

Ao invés de mudanças significativas, transformadoras, a expressão mais própria para caracterizá-las, certamente, é a formulação metamorfose de Castel. Segundo este autor metamorfose inclui a “... dialética do mesmo e do diferente (...) cristalizações, ao mesmo tempo, de novo e permanente, ainda que sob formas que não as tornam imediatamente reconhecíveis.” (CASTEL 1998,27). Metamorfoseado, nem o jornalista se reconhece como parte integrante do processo. A arte de escrever resume-se a múltiplas atividades.

1.4 Novas Ferramentas, mais Produtividade.

A introdução de novos procedimentos e instrumentos de trabalho como forma de aumentar a produtividade não constitui novidade no

capitalismo. Marx, no primeiro volume do *Capital* analisa a necessidade de redução dos custos, a força de trabalho (capital variável) e obtenção de maior controle sobre os meios de produção substituindo trabalhadores por capital constante.

Atualmente, teóricos como Lojkin (1995), Arrigui (1994) e Rifkin (1995) têm estudado os efeitos do uso de novas tecnologias no trabalho - o aumento da produtividade, o nível de emprego, os processos de trabalho e as mudanças no cotidiano profissional. Essas formulações analisam a correlação das tecnologias de informação com a extinção de determinadas profissões e a exclusão destes do mercado de trabalho e a formação de uma nova elite de trabalhadores especializados. O processo de introdução de novas tecnologias implica em movimentos simultâneos e contraditórios como de criação/destruição de postos de trabalho e de emprego; qualificação/desqualificação das tarefas e da força de trabalho, seja com crescente especialização ou com a integração das tarefas; organização centralizada ou descentralizada da produção.

Outro ponto enfatizado é se essa nova elite é realmente constituída de especialistas, ou se como discute Braverman (1977), é formada por trabalhadores polivalentes- com conhecimentos para desenvolver diversas tarefas.¹²

¹² - Braverman (1977) insiste na dicotomia/entre qualificação e especialização. Esta dicotomia estaria centrada no fato de que um trabalhador polivalente - qualificado para desenvolver diversas tarefas, não seria de fato um especialista. relacionando a questão da organização do processo de trabalho com as do controle e da qualificação da mão de obra, o trabalho de Bravermann enfatiza a crescente homogeneização e desqualificação dos trabalhadores, bem como a questão da divisão sexual do trabalho e das condições específicas de degradação do trabalho vividas pelas mulheres.

No entanto, o discurso empresarial nega a tendência da especialidade e reforça a necessidade da polivalência. Um exemplo é a afirmação de Paulo Cabral, Secretário Geral da Associação Nacional dos Jornais e Executivo do Jornal Correio Brasiliense.º

*"quanto aos jornalistas, haverá uma ampliação no mercado de trabalho, com possibilidades de crescimento profissional. Mas as exigências também serão maiores. O profissional da comunicação deverá ser apto a produzir notícias para um público mais bem informado, mais exigente. Terá de desempenhar funções multimídia, ou seja, tornar-se jornalista multifuncional. Esse profissional deverá agregar conhecimentos maiores e o domínio da informática e de línguas estrangeiras serão pré-requisitos para quem quiser vencer".*¹³

Própria de uma situação de transição, a introdução de um outro instrumento no cotidiano dos jornalistas provoca reações de encantamento, temor e resistência. Encantamento porque facilita o dia a dia, pela possibilidade de um trabalho mais ágil, mais limpo. A redação é mais silenciosa. O medo vem sempre acompanhado pela possibilidade do desemprego. A resistência manifesta-se sutilmente na adoção de estratégias defensivas individuais.

1.5 Imagem e Representação Social da Profissão

A sociedade cria formas de representação das profissões e dos profissionais baseada na necessidade destes no cotidiano. Essas representações guardam lembranças de traços originais do "fazer o dia-a-dia" do escritor que hoje.

A partir da segunda metade do século XX o jornalista tem se transformado, cada vez mais, num personagem de destaque, onde muitas vezes, o privado se mistura com o público e vice-versa, tornando o seu cotidiano algo parecido com um ambiente de espetáculo. Para Senra esse processo de espetacularização do profissional de imprensa, ou sua transformação em imagem de consumo, parece ter alcançado uma dinâmica específica:

"... a origem desse fenômeno deve ser buscada sobretudo na chamada modernização dos jornais, na revolução que, incorporando a informática e impondo a racionalização técnico-administrativa, vem dando forma à empresa jornalística deste final de século." (SENRA (1997:13))

Essa modernização das empresas e o crescimento do mercado de informação tem provocado um crescimento na procura pela profissão, que pode ser mensurado a partir do número de escolas de jornalismo criadas nos últimos vinte anos. Em 1980 havia 73 escolas em todo Brasil, mas hoje esse número ultrapassa 150, e há mais de 100 processos solicitando a abertura de novas escolas em tramitação no Ministério da Educação.

As novas condições do mercado de informação têm ampliado, na última década, as possibilidades profissionais no jornalismo. Com o auxílio de satélites e demais equipamentos eletrônicos o mundo conhecido fica maior e mais próximo, para usar uma expressão do historiador HOBBSBAWN, (1976: 24-25). As diversas formas de comunicação encurtaram distâncias e viabilizaram o conhecimento entre povos.

¹³ - Entrevista publicada no Jornal da Associação Nacional dos Jornais, dezembro de 1996, p.6.

Num mundo cada vez mais dominado por especialistas, com linguagem e códigos próprios é evidente a necessidade crescente de intermediadores de discurso. Para Lage o jornalista pode se constituir num:

“... tradutor de linguagens especializadas e como tal, guardião da linguagem comum que assegura a unidade do corpo social (...) as atividades vinculadas ao controle social, entre as quais os jornalismo se alinha, estarão entre aquelas em que mais se aplicarão recursos e inteligência e, portanto, garantindo a ascensão destas categoria de profissões do futuro.”
LAGE (1995:02)

Rifkin designa os jornalistas como "analistas simbólicos" ou "trabalhadores do conhecimento". Na atualidade, a característica desse profissional é ser altamente treinado, ter conhecimentos múltiplos, ter capacidade intuitiva de lidar com problemas.

".... os trabalhadores do conhecimento são um grupo distinto , unidos pelo uso da tecnologia da informação de última geração para identificar, intermediar e solucionar problemas. São criadores, manipuladores e abastecedores do fluxo de informação que constrói a economia global pós-industrial e pós-serviço. Suas fileiras incluem pesquisadores científicos, engenheiros projetistas, engenheiros civis, analistas de software, pesquisadores em biotecnologia, especialistas em relações públicas, advogados, profissionais do mercado financeiro, consultores gerenciais, consultores financeiros e tributaristas, arquitetos, planejadores estratégicos, especialistas em marketing, produtores e editores de filmes, diretores de arte, editores, escritores e jornalistas. (RIFKIN 1995: 192)

1.6 A Construção da Identidade Profissional

A importância dos meios de comunicação e os profissionais que neles desempenham suas atividades são alvo de debate em diversos campos como na antropologia, sociologia e mesmo na engenharia de produção. A

tendência destes estudos é situar os meios de comunicação como aparelhos sociais institucionalizados, e, portanto, sujeito às ordens costumeiras da sociedade. De acordo com Castro&Garcia,

“... no âmbito científico, os jornalistas tenderam, durante muito tempo, a serem relegados para um plano secundário, sendo considerados comparsas menores no jogo das relações de forças entre as estruturas de poder, os meios de comunicação e o público consumidor em geral”.
(CASTRO&GARCIA: 1994, 23)

No entanto, é preciso considerar que a produção de notícias ou a produção de informação de massa é o resultado do trabalho dos jornalistas que está inserido na trama social, que possui múltiplas determinações: a classe social, o mercado, a lógica do lucro, entre outros. A atividade dos jornalistas é, pois, uma atividade de comunicação entre os sujeitos, mas esta atividade se realiza a partir de certo tipo de práticas produtivas e dos valores e rotinas organizativas socialmente.

O jornalista, no marco da organização profissional na qual realiza a sua atividade, caracteriza-se como possuidor de um conjunto de atribuições na ordem institucional, exercendo, por isso mesmo, um processo contínuo de objetivação do conhecimento que transmite e, de forma paralela, realizando uma atividade processual de autolegitimação.

Os jornalistas são intelectuais técnicos encarregados de funções de mediação simbólica que podem ser englobados, de uma maneira geral, nos escalões intermediários da tecnocracia que inclui peritos e técnicos encarregados, como afirma TOURAINE (1968:177), “das funções de

organização, comunicação e execução técnica, sem participarem no poder de decisão”.

Castro&Garcia afirmam que neste tipo de profissão “... é geralmente admitido por existir uma lógica contraditória de autonomia/dependência, que os intelectuais técnicos estão inseridos..

“...no caso concreto dos profissionais do jornalismo, este tipo de contradição expressa-se na consciência da posse de saberes específicos e do desempenho de funções importantes no contexto societal coincidindo com a ausência de poder de decisão e de laços orgânicos às classes dominantes, as quais tende a impor-lhes de fora a forma como devem aplicar as suas capacidades técnicas e culturais”. (CASTRO&GARCIA: 1994, 23)

1.7 Os atributos de uma profissão

Diversos autores analisam atributos para estabelecer quando um referido grupo ocupacional se constitui numa profissão. Procurando identificar aspectos relevantes na trajetória que compõe a profissionalização, Aued aponta para a dificuldade de abordagem deste tema. A profissionalização é estudada por Freidson (1984), Guimarães (1995), Strauss (1992) e outros. Nestas abordagens sobressaem ainda formulações onde se enfatizam os aspectos internos da profissão como a diferenciação entre ocupação e profissão, a vocação profissional e ainda a capacidade organizativas.

“... com esta caracterização de profissionalismo, a dificuldade de compreender o que é uma profissão não se resolve, mas aumenta, na atualidade, pelo que apontam as estatísticas de emprego parcial e temporário em que falta um requisito básico da profissão. Cresce o emprego em tempo parcial no Brasil, assim como também cresce o emprego temporário. O segundo quesito adentra o campo da subjetividade. Qual a

*vocação da telefonista? Da faxineira? Contrariamente, portanto, à formulação bíblica da vocação como talento nato, poder-se-ia argumentar com a educação para o talento, como fizeram os japoneses. Não há talento inato, mas ensinado. Por último, das três características profissionalizantes, a organização é hoje o traço mais frágil como indicador profissionalizante. Os dados sobre o movimento sindical demonstram mais desorganização do que organização”.*¹⁴

Ainda dentro deste enfoque Wilensky (1964) chama a atenção para outros atributos: definição de uma área de trabalho como uma ocupação em tempo integral; criação de uma escola profissional; formação de uma associação profissional; os representantes da ocupação fazem pressão política para conquistarem apoio legal no sentido de conseguirem controlar o seu trabalho; a associação profissional promulga um código ético formal. O cumprimento desses requisitos, para Wilenski, transforma um grupo ocupacional numa profissão estabelecida.

O estudo sobre as profissões está ainda distante do que poderia ser considerado satisfatório. Ademais, há pouca consideração sobre a contextualização histórica na qual o profissional pode ser considerado imprescindível ou não. O tecido que institui a necessidade do desempenho profissional é histórico, ou seja, humano. Daí advém a importância de situar o profissional na totalidade histórica.

1.8 Da Arte de ser escritor ao Profissional Jornalista

No Brasil a história da imprensa se confunde com a história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O jornalismo nasce como

¹⁴ - AUED, Bernardete W. “Profissões em extinção: espelho de um mundo em metamorfoses”. UFSC. Florianópolis 1997.

instrumento da burguesia na conquista e preservação do poder político e econômico. A revolução industrial que consolida o capitalismo, faz do jornalismo um poderoso aliado.

No caso brasileiro, o jornalismo começa a fazer história a partir de 1808, ou seja, 300 anos depois do descobrimento. O período colonial, marcado pela repressão, não permitia qualquer desenvolvimento da cultura. Até 1792 só há uma livraria no Rio de Janeiro e o comércio de livros é controlado e censurado pelas autoridades coloniais.

O primeiro jornal do país, O Correio Brasiliense, tem uma história de clandestinidade. Foi criado, redigido e impresso em Londres por Hipólito da Costa. A edição número um chega clandestina ao porto do Rio de Janeiro no dia 01 de julho de 1808, e circula sem a autorização das autoridades da colônia até 1822, quando da proclamação da independência, quando desaparece.

O Correio é um jornal francamente opinativo e, embora não fizesse propaganda a favor da independência, seu objeto é a crítica à administração do Brasil. Apesar de lutar por instituições mais liberais, Hipólito da Costa diz:

"... ninguém deseja mais as reformas úteis, mas ninguém aborrece mais do que nós seja essas reformas feitas pelo povo. Reconhecemos as más conseqüências desse modo de reformas. Desejamos reformas, mas feitas pelo governo e urgimos que o governo as deve fazer enquanto é tempo, para que se evite serem feitas pelo povo". (SODRÉ, 1983, 346)

Até 1830 a imprensa brasileira é eminentemente política e doutrinadora. Liga-se a vários movimentos e partidos que pregam desde o

liberalismo e a independência, até a permanência do regime colonial. Apesar da efervescência política o Brasil tem, a partir de junho de 1821, um precursor da mais ferrenha imprensa informativa, nos moldes da que conhecemos hoje. Trata-se do jornal Diário do Rio de Janeiro, que proclama seu distanciamento das questões políticas e se preocupa com informações da utilidade pública, notícias de assassinatos, furtos, observações meteorológicas, anúncios de escravos fugidos, compras, vendas, leilões, e divertimentos. A política de isenção e imparcialidade do Diário do Rio não permitem que o mesmo noticie a proclamação da Independência e outros eventos políticos importantes. No Diário do Rio de Janeiro trabalham os primeiros jornalistas brasileiros. Ao contrário dos demais jornais, eminentemente literários, o Diário tem responsáveis pela redação e coleta de informações sobre o que acontece na corte.

O período de 1830 a 1850 é um grande momento da imprensa no Brasil. Embora fraca no que se refere às técnicas de produção - os jornais são produzidos de forma artesanal - e com distribuição restrita, ela exerce sobre a realidade política do país um influência considerada extraordinária para as condições da época. Faz-se um jornalismo político-literário e quem escreve para os jornais são romancistas, cronistas, e teatrológos.

“Tratava-se de uma ocupação, nobre por poder informar ao público, meio sacerdotal pois exigia dos jornalistas uma certa abnegação, mas jamais um trabalho no sentido da venda de uma força de trabalho. Era, na verdade, um meio de arranjar prestígio e, invariavelmente, de ingressar na política”.
(PENNA:1998,10)

A produção é artesanal também o são as relações de trabalho. Não há registro de jornada de trabalho ou mesmo salário fixo. Para a maior parte dos profissionais que atuam nos jornais da época, a atividade de jornalista não é considerada uma atividade profissional.

No entanto, mesmo nessas condições, o produto final do trabalho já é o jornal e a revista. Para a produção dos mesmos, é necessário estabelecer rotinas e procedimentos e, portanto, inicia-se o processo de delimitação de um campo de atuação, com particularidades e especificidades.

1.9 Do Improviso à Profissionalização

No início do século XX o jornalismo deixa de ser produzido e administrado de maneira artesanal e passa a ser tratado como empresa. Os principais jornais do Brasil, ainda hoje em circulação, como O Globo, Jornal do Brasil, Estado e São Paulo, Jornal do Comércio, e Correio do Povo, nascem com o advento da República, a partir de 1900. A passagem para o século XX marca também a transição da pequena empresa para a grande empresa jornalística. As Folhas tipográficas ganham estrutura específica, equipamentos gráficos sofisticados que ampliam a produção e a circulação. Apesar das mudanças técnicas e gráficas, a linguagem do jornal ainda é predominantemente do escritor literário. Mas é nesta fase que a reportagem, como gênero de texto, começa a entrar para a história. Em 1905, Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio, escreve para a

Gazeta de Notícias uma série de textos sobre religiões do Rio, onde utiliza uma técnica nova: seus escritos partem de observações que faz nas ruas, de entrevistas feitas com o povo. O jornalismo, definitivamente, começa a mudar. E também o país.

“...o Brasil de 1908 era um país que vivia a contradição de ser moderno sem abrir mão de seu atraso estrutural, tocado por uma elite que ansiava pelos benefícios do progresso material embora temerosa diante do novo. Mas o Brasil desse início de século era também uma sociedade que se modificava independente da vontade dos conservadores. E isso ocorria em razão de uma dinâmica que fez do contingente de imigrantes europeus um fator de impulso das lutas operárias, que já preocupavam o patronato da época”.
(PENNA:1998,11)

Em 1908 com a fundação da ABI - Associação Brasileira de Imprensa -, começam a ser discutidas a necessidade e as formas de profissionalização do jornalismo.¹⁵ A fundação da ABI não se dá por acaso. O principal incentivador e fundador da entidade, Gustavo de Lacerda, é militante do Partido Socialista Coletivista, responsável pela produção de uma proposta de legislação trabalhista que mais tarde serve de referência ao movimento sindical jornalista.

A criação da ABI inscreve-se no contexto de expansão do mutualismo, movimento que dá sentido aos primeiros órgãos coletivos de defesa dos trabalhadores. Aliás, a expansão do movimento sindical resulta na proliferação de um sem número de jornais representativos das categorias

¹⁵ - Um dos fundadores da ABI - Associação Brasileira de Imprensa foi, curiosamente, o catarinense Gustavo de Lacerda. Nascido em Desterro (hoje Florianópolis), Gustavo foi desligado da Escola Militar por suas idéias republicanas e socialistas. Trabalhou no Jornal o País, onde fazia cobertura das repartições públicas.

“... pouco conhecido (...) repórter exato em suas obrigações e correto narrador dos eventos de cuja divulgação se encarregou, era visto como agitador e não como um jornalista”. (SODRÉ, 1983: 310).

profissionais em defesa dos direitos alcançados em outras partes do mundo, onde as indústrias proliferam. Mas, como a grande maioria é procedente das elites abastadas, a luta contra o poder econômico e os movimentos reivindicatórios não tem boa receptividade:

“... os jornalistas viam com certo desprezo o apelo pelas reivindicações de caráter salarial, justamente para não se assemelharem aos operários das fábricas - em geral imigrantes ou de origem humilde - num país onde o trabalho ainda era considerado uma atividade pouco enobrecedora em face de sua associação com a escravidão”. (PENNA:1998,10)

Para Penna é a conquista do salário fixo pelos linotipistas, operários responsáveis pela impressão, que mostra aos jornalistas a necessidade de mudança:

“... pagava-se em forma de vales, remuneração que por vezes levava meses para ser saldada. Com a criação dos linotipos, os operários responsáveis pelos textos impressos constituíram seus sindicatos. Os ideais socialistas e anarco-socialistas, bastante influentes à época, passaram a comandar a defesa destes trabalhadores. Os jornalistas começaram a perceber que os linotipistas recebiam seus salários regularmente, ao passo que eles, jornalistas, ainda recorriam ao expediente do vale”. (PENNA: 1998,16)

A partir de 1922, quando o Jornal do Brasil passa a receber o serviço da United Press Internacional, uma agência de notícias americana, difunde-se o modo de fazer jornalismo americano. Junto com a nova linguagem chegam os novos equipamentos, como o rádio e o telefone.

1.10 Sindicatos e Federação: A formação da estrutura corporativa

Os primeiros passos para a construção de entidades representativas dos jornalistas se dão no início deste século, com o

surgimento do jornal empresa. Segundo Sodré é nesse período que a grande imprensa se estabelece nos moldes capitalistas, e surge a necessidade de organizações agrupadoras dos que nela trabalham, para enfrentar os problemas do cotidiano .

“... os jornalistas dessa época enfrentam os problemas de todos os trabalhadores: longas jornadas que podiam se prolongar a 12 ou até 14 horas/dia, remuneração mensal baixa (...) os locais de trabalho são insalubres, e o contato com a tinta provoca doenças respiratórias (...) como são poucos os qualificados, desenvolvem todo tipo de tarefa. (...) o romantismo da profissão não supera a dura realidade da pobreza e exploração.” (SODRE, 1983 : 352)

Em 07 de abril de 1908 foi fundada a ABI - Associação Brasileira de Imprensa. Com caráter meramente assistencial, já começa a vislumbrar a necessidade de formação profissional:

“ o objetivo é manter uma caixa de pensões e auxílios para os sócios e suas famílias, estabelecer um serviço de assistência médica e farmacêutica, instituir o Retiro de Imprensa , habilitar por meio de títulos da capacidade intelectual e moral o pretendente à colocação no jornalismo e prestar homenagem ao dia do desaparecimento do primeiro jornal”. (SODRE, 1983 ,314)

Depois da ABI é a vez da fundação do primeiro sindicato profissional país - em 1919 em Juiz de Fora, Minas Gerais. A partir do Estado Novo começam a ser criados sindicatos na maioria dos estados. Em Santa Catarina, por exemplo, o Sindicato é fundado em maio de 1955, época em que o estado não dispõe de meios de comunicação de projeção. A

criação dos Sindicatos dos Jornalistas e da Federação Nacional dos Jornalistas, Fenaj, não responde a demandas dos trabalhadores.¹⁶

As lutas trabalhistas dessa categoria profissional se iniciam anos mais tarde. As primeiras greves deflagradas por jornalistas ocorrem a partir de 1960. No Rio de Janeiro a categoria adere a greve dos gráficos, reivindicando reajuste de 70% e reintegração de 80 jornalistas demitidos. Em dezembro de 1961 os profissionais de São Paulo fazem uma greve que resulta no estabelecimento do primeiro piso salarial do país. Os jornalistas paulistas voltam à greve no final de década de 70. Em 1979 quatro mil jornalistas reivindicam melhores salários e condições de trabalho. Essa greve é julgada ilegal e resulta na demissão de mais de 200 profissionais. Outros movimentos acontecem em todo o país a partir dos anos 80, inclusive em Santa Catarina. A característica desses movimentos é a defesa do salário e melhoria nas condições de trabalho.¹⁷

1.11 Uma Profissão Legal – Getúlio regulamenta a Profissão no Brasil

Com a ascensão do estado novo a relação entre o governo e os jornais se modifica. Getúlio Vargas, para consolidar seu governo, toma uma série de medidas para enquadrar as empresas de comunicação. Começa por definir, legalmente, o que é considerada empresa de comunicação e regulamenta o funcionamento das mesmas. Para assegurar o controle dessas

¹⁶ - Atualmente a Federação Nacional dos Jornalistas congrega 31 sindicatos profissionais, com aproximadamente 25 mil associados.

¹⁷ - Santos, Vânia. A luta sindical dos jornalistas. Revista comemorativa ao XXIII Congresso

empresas e mesmo garantir a fidelidade ao novo estado, estabelece que só brasileiros natos podem ser proprietários das mesmas. Em seguida, coloca em vigor uma série de decretos que regulamentam a profissão de jornalistas.¹⁸

Em 1938 Getúlio Vargas dá ao jornalismo o status de profissão legal, com o Decreto-Lei 910, em 30 de novembro de 1938, que regulamenta a profissão.¹⁹ No regulamento, o jornalismo é tratado como profissão de diversos ofícios, e é assim descrita na lei:

“aos trabalhadores que, nas empresas jornalísticas, prestem serviços como jornalistas, revisores e fotógrafos, ou na ilustração (...) entende-se como jornalista o trabalhador intelectual cuja função entende desde a busca de informações até a redação de notícias e artigos e à organização, orientação direção desse trabalho só a profissão, mas também a obrigatoriedade de registro no Ministério do Trabalho .(SANTOS: 1989, 186)

Decreto-Lei 7.037, de 10 de novembro de 1944, reforça e amplia o conceito de empresa jornalística e as define como aquelas cujas atividades consistem na edição de jornais, boletins, periódicos ou distribuição e noticiário.²⁰ A essas empresas são equiparados os serviços de outras empresas nas quais se exerçam as atividades próprias da profissão, como radiodifusão propaganda comercial, onde se faz a redação de notícias,

Mundial dos jornalistas. Recife, maio de 1998. P. 54/55

¹⁸ - “ é interessante assinalar que a ABI teve seu patrimônio enriquecido e tornou-se entidade poderosa justamente numa fase ditatorial, a do Estado Novo. Foi Getúlio Vargas quem mandou entregar à Casa dos Jornalistas os primeiros milhões de cruzeiros, quatro, para edificação da sede da Esplanada do castelo; ali esteve em 1931, quando foi proclamado presidente de honra da ABI; em 1934 discursou afirmando ser a “classe desprotegida, relegada e esquecida”. (SODRÉ, 1983,234)

¹⁹ - Decreto publicado no Diário Oficial da União em 30 de novembro de 1938, com vigor a partir de 30 de janeiro de 1939.

²⁰ - Decreto publicado no Diário Oficial da União em 11 de novembro de 1944, com vigor a partir de 11 de janeiro de 1945.

comentários e publicidade. Essa medida possibilita ao governo controlar, também, os serviços de imprensa de grandes conglomerados e agências de notícias sediadas no país.

O referido decreto define as tarefas dos jornalistas no exercício da profissão, e as classifica. Passam a ser considerados jornalistas aqueles cujas tarefas compreendem a busca ou documentação de informações, a redação de matéria a ser publicada, a organização, a orientação ou direção desses trabalhos. Os jornalistas são enquadrados em determinadas funções:

a) função em comissão: redator-chefe, secretário, subsecretário, chefe de reportagem e chefe de revisão;

b) funções permanentes: redator-auxiliar, noticiarista, repórter, repórter e setor e repórter-auxiliar;

c) funções de auxiliares de redação: revisor, ilustrador ou desenhista, fotógrafo e arquivista.

A divisão nestas três categorias é necessária já que o mesmo decreto estabelece quem pode e qual a qualificação adequada para o exercício de cada uma das funções.

Atualmente a profissão é regulamentada pelo Decreto-Lei 83.284, sendo que a grande mudança ocorrida na área legal é a exigência do diploma para o exercício da profissão nas cidades onde há escola superior de jornalismo.

A transformação do jornalismo numa profissão legalizada e regulamentada atende a uma das prioridades do estado novo, o controle da informação. Cabe salientar que Getúlio Vargas busca apoio na imprensa e,

não contando com a adesão dos empresários de comunicação, procura cooptar os trabalhadores através destes artificios. Numa visita feita a ABI em 1944 Getúlio resume sua relação com os empresários e os jornalistas.

“... enquanto uns se dizem condes e barões os outros estão numa semi-profissão de homens inteligentes e desorganizados, oscilando entre a boêmia e o aluguel das aptidões intelectuais, a dedicação extrema ao bem público e os arranjos dos bastidores públicos”. (SODRE, 1983: 310)

1.12 Ética Profissional: Na Pauta desde os Primórdios do Jornalismo

Segundo Wilenski para o reconhecimento de uma profissão, há o estabelecimento de um código de ética próprio. No caso do jornalismo as discussões sobre a necessidade de um código de ética específico se inicia, praticamente, junto com o exercício do jornalismo, ainda no Brasil colonial. Já naquele período se discutia os limites do profissional e o exercício cotidiano da atividade. No primeiro Congresso Nacional de Jornalistas, realizado em 1918, o comportamento ético dos jornalistas é discutido formalmente. A segunda guerra propicia o aumento das discussões sobre moral e ética em todo o mundo e em todos os setores sociais. No Brasil não é diferente. Embora ainda não tenham um código de ética definido, os jornalistas brasileiros balizam sua atuação pelos códigos vigentes em outros países, marcadamente liberais.

Na década de 1970, na VIII Conferência Nacional dos Jornalistas, realizada em Goiânia estabelece-se que os sindicatos discutam aos trabalhadores a necessidade de estabelecer princípios éticos e na conduta profissional. Mas é somente em 1979, que os jornalistas discutem a importância da implantação do Código de Ética do Jornalista Brasileiro e traçam o perfil do mesmo: um código que contenha a defesa de valores universais como a vida e a verdade e, a imparcialidade como condição básica para o exercício profissional. O Código de Ética dos Jornalistas vigente é aprovado em setembro de 1985.

Se considerarmos os cinco critérios estabelecidos por WILENSKI : 1) definição de uma área de trabalho como uma ocupação em tempo integral; 2) criação de uma escola profissional; 3) formação de uma associação profissional; 4) representantes da ocupação fazem pressão política para conquistarem apoio legal no sentido de conseguirem controlar o seu trabalho; 5) a associação profissional promulga um código ético formal, podemos dizer que o jornalismo, no Brasil, segue a trajetória de uma profissão.

1.13 Um recuo de 50 anos para entender o Futuro

A primeira guerra mundial impulsiona o uso de telefone e telégrafo nos Estados Unidos, França e Inglaterra. As empresas jornalísticas desses países tornam o uso desses equipamentos comuns no

cotidiano profissional . No Brasil , entretanto, o uso desses e de outros equipamentos só se “populariza entre os jornalistas” depois dos anos 30.

A máquina de escrever, por exemplo, inventada no século XVIII só chega às redações brasileiras em 1938, através do acordo bilateral entre o Brasil e Estados Unidos para o desenvolvimento de alguns produtos, entre eles máquinas de escrever e aparelhos de rádios. Até esse período, a grande maioria dos jornalistas escreve suas reportagens à mão.

O depoimento de João Anísio Netto, redator de O Globo entre 1936 e 1945, nos mostra como a máquina é utilizada nesta época.

“... todos ficamos espantados, era difícil de usar, pesada e nós éramos lentos. Eram quatro máquinas na redação. Como os grandes jornalistas traziam suas matérias escritas de casa as máquinas passavam dias paradas. Quem usava eram os auxiliares de redação, como eu, que redigiam pequenas notas, o obituário e os convites. Ninguém entendia porque aquelas geringonças tinham sido compradas a peso de ouro ”²¹

Foi só na década de 40, com o fim da segunda guerra, que as empresas começam a exigir que todos os jornalistas escrevam à máquina. Para Carlos Heitor Cony essa nova exigência está associada às mudanças no parque gráfico dos jornais e, também, às exigências legais de jornada de trabalho.

“...o Globo tinha comprado novas máquinas impressoras e estava mudando todo o pessoal da gráfica. Era um pessoal mais quieto, gente jovem. Eles reclamavam muito da letra de uns e a pressão da hora do fechamento acabou por vencer. Para os revisores e pessoal da composição era mais fácil e rápido ler os textos datilografados. Além do que, a maioria já trabalhava na redação e nenhuma empresa pagava hora-extra. No Rio já contávamos com telefone e telégrafo e na redação se sabia de tudo. O jornalista boêmio e cosmopolita acabou sendo enquadrado pelo regulamento.”²²

²¹ - Entrevista pessoal. Depoimento gravado em janeiro de 1997.

²² - Entrevista pessoal. Depoimento gravado em março de 1997.

Da mesma forma que a máquina de escrever, o uso da máquina fotográfica somente se populariza nas redações depois da segunda guerra mundial. Até esse período a foto é considerada elemento secundário da reportagem. Aliado a essa definição estética está a dificuldade de adaptar a fotografia à pressa do cotidiano.

Na década de 70 é possível a separação de cor nas fotos. Mas a cor só chega nas capas dos jornais na década de 80. O computador, como vimos, só chega nas redações brasileiras na década de oitenta e seu uso se intensifica na de 90.

O processo de modernização empresas jornalísticas brasileiras, com a introdução de computador na redação, começa na segunda metade da década de 70, sendo realmente inaugurada a partir dos anos oitenta com a busca de uma racionalidade técnico-administrativa, caracterizada principalmente pela adoção de padrões de produtividade e critérios para contratação de profissionais. Obviamente que essas transformações na empresa jornalística e na profissão estão muito ligadas ao momento histórico, no início do processo de globalização e no caso do Brasil à abertura política.

Travancas (1993) relata que no pós-guerra a imprensa brasileira se distancia do modelo político-literário, passando a adotar o modelo americano com "a adesão aos fatos, seu conceito de objetividade e suas técnicas de tratamento da notícia". Nesse período é muito comum o dono da empresa e os responsáveis pelo processo de produção serem as mesmas

peessoas, todos jornalistas. Para muitos, como Sodré e Dines, esta espécie de "promiscuidade histórica" é o marco da subserviência política dos jornais de então, e ao conseqüente, quase inevitável, atrelamento de muitos jornalistas às diferentes forças envolvidas na disputa pelo poder.

"... foi esse contexto particular que acrescentou entre nós, a mundialmente consagrada figura romântica do jornalista, novas linhas, de modo a compor um perfil muito particular: se, por um lado, a atividade livre, sem regras ou procedimentos rígidos adotada pelas redações referendava a já conhecida imagem boêmia do profissional, por outro, os compromissos do jornal conferiram não raras vezes ao jornalista um importante papel político e social, atribuindo ao exercício da profissão foros de missão". (SENRA: 1997, 19).

Mas é a partir dos anos 80 que esse contexto começa a mudar. O capitalismo começa a mudar, para assimilar a chamada crise dos anos 70 e o Brasil, vive os tempos de abertura política e o fim da censura. Mas do que na política, a grande mudança operada neste período é em relação às empresas, que passam a racionalizar as atividades e buscar nas novas tecnologias para o aumento da produtividade e conseqüentemente, dos lucros.

"... como decorrência desta reconversão produtiva, organizacional e gerencial, temos um quadro no qual as profissões até então tradicionais tornam-se obsoletas ou simplesmente são extintas; o conteúdo das profissões passa por radicais reformulações, (...) funções até então fragmentadas passam a ser interligadas; novas profissões surgem, trazendo diferentes demandas em termos de qualificação profissional dos trabalhadores, frente às novas necessidades do trabalho." BIANCHETTI (1998: 12)

Essas mudanças são percebidas não só a nível empresarial, mas profissional. Do ponto de vista do trabalho jornalístico, os reflexos desta racionalização também se fizeram notar.

“...rapidamente a informatização levou a normatização da produção editorial, inaugurando novos métodos de trabalho e impondo à maioria dos profissionais de imprensa uma outra compreensão da sua atividade. À visão anterior do jornalismo como missão, em virtude da qual o profissional estava imbuído de um importante papel político e social, que o engajava no próprio processo de transformação da sociedade, veio se substituir uma figura de atuação diferente, inserida numa cadeia de produção, contemplada com tarefas fragmentadas e em parte já desenraizadas da chamada realidade. O jornalista, torna-se, assim, perfeitamente substituível”. (TRAVANCAS: 1993: 67)

1.14 A Indústria Cultural e racionalidade gerencial

A profissionalização das empresas de comunicação altera relação dos jornalistas com as mesmas. A imposição de normas rígidas para produção acaba por romper com o espírito missionário, atribuído à profissão. Para Ribeiro (1994), nas redações ocorre a eliminação dos elementos políticos e românticos do fazer o dia-a-dia, incompatíveis com uma produção cultural industrializada. A nova racionalidade, regida por critérios como desempenho, produtividade e rentabilidade, consolida a empresa jornalística como indústria. O depoimento de Carlos Eduardo Lins e Silva reforça essa tese.

*“... não tenho a menor dúvida de que o jornal é uma indústria, um negócio, apesar de o Adorno ter falado isso há quarenta e tantos anos. Muita gente ainda vê o jornalista como um apostolado, uma missão evangélica, uma coisa quase religiosa. Mas é um negócio para se produzir um bem de consumo de cuja venda se espera obter lucro; é feito em escala industrial, em quantidade de massa; e acho que essa é a característica marcante do jornalismo”.*²³

²³ In RIBEIRO, Cláudio. Sempre Alerta. P. 55

No entanto, a transição entre o modelo anterior e o vigente não é pacífica. Ribeiro nos mostra que na Folha de São Paulo, em 1984, vinte anos após o início do processo de profissionalização das empresas, reina o autoritarismo.

“... um inédito clima de terror, que afetava tanto a massa como as próprias chefias, conforme era voz corrente no seio da categoria e pude verificar pessoalmente no cotidiano. Um mês após a posse de Otávio²⁴, foram demitidos 27 jornalistas sob alegação de insuficiência técnica. Ao todo, entre maio de 1984 e fevereiro de 1987, registraram-se 474 demissões, numa redação de 360 profissionais – em média, uma demissão a cada 2,1 dias.” (RIBEIRO:1994,65)

A justificativa para tal procedimento é a falta de qualificação profissional e a incapacidade de adaptação ao “novo”, como verificamos no depoimento de Otávio Frias Filho, diretor da Folha de São Paulo: “ não há tempo nem condições materiais para adestrá-los e prepará-los adequadamente; terão que ser substituídos.”

²⁴ -Referência a posse de Otávio Frias Frio como diretor de redação da Folha de São Paulo, em maio de 1984.

Capítulo II

A TECNOLOGIA E O JORNALISMO

A comunicação é, historicamente, um dos instrumentos utilizados pelo capital para a constituição e manutenção da ordem e, portanto, o desenvolvimento de tecnologias específicas se faz necessário. A produção de “mercadorias de comunicação” se acirra a partir da revolução industrial, uma vez que o avanço científico e tecnológico é o principal fator de criação de novas linguagens. É determinante para mudar o ambiente natural, os padrões de trabalho, lazer, e consumo, afetando a consciência do homem, impondo sua presença nas mais diversas atividades - religião, esportes, ciências, artes.

Como se verifica no quadro abaixo, o desenvolvimento de tecnologia na área de comunicação, se inicia na primeira metade do século XIX, coincidentemente período de consolidação e expansão do capitalismo no mundo.

Linha de Tempo - Novas Tecnologias de Comunicação

Inovação	Data	País
Telégrafo elétrico	1839	Inglaterra
Telégrafo a cabo submarino	1866	Estados Unidos
Máquina de escrever	1870	Dinamarca
Impressão a tinta	188°	Estados Unidos
Telefone	1870	Estados Unidos
Toca-discos cilíndrico	1888	Estados Unidos
Rádio AM	1913	Estados Unidos
Gravação magnética de fitas	1935	Alemanha
Rádio FM	1936	Alemanha
Televisão	1936	Inglaterra
Fototipo	1946	Estados Unidos
Disco LP	1948	Estados Unidos
Transistor	1950	Estados Unidos
Computador Eletrônico	1951	Estados Unidos
Televisão a cores	1953	Estados Unidos
Transistor de silício	1954	Estados Unidos
Circuito Integrado	1961	Estados Unidos
Satélite de Comunicação	1962	EUA e URSS
Gravador em vídeo	1970	Holanda
Microprocessador	1971	Estados Unidos

Fonte: Hall&Preston, 1988.

2.1 Os Significados da Palavra Tecnologia

A palavra tecnologia está incorporada no dia a dia de todos nós. Qualquer ação, por mais simples que seja, está permeada de tecnologia: verificar o saldo bancário, conversar pelo telefone, escrever um texto.

Tecnologia pode ser definida, genericamente, como o conjunto de conhecimentos e informações organizados, provenientes de fontes diversas como descobertas científicas e invenções, obtidos através de diferentes métodos e utilizados na produção de bens e serviços.²⁵

Quem produz a tecnologia é o homem, através da apropriação da realidade e a conseqüente transformação do conhecimento empírico em conhecimento científico. Ela deve ser pensada como fruto da produção humana e, portanto, inserida dentro do contexto das relações sociais em seu desenvolvimento histórico.

Para Corrêa, o declínio do feudalismo e as transformações operadas por esse processo como o incremento do comércio, a urbanização da sociedade e o abandono da lei divina, pela Razão, tornaram possível e necessário o desenvolvimento de novo saber.

"...libertada a razão das amarras da lei divina e do pensamento mágico e impulsionada pelas necessidades colocadas pelos novos modelos de se construir a vida, novos esquemas de pensamento- quantitativos e experimentais, e novas práticas - técnicas, financeiras, comerciais, foram criadas as condições para o surgimento de também novos métodos e saberes." (CORRÊA, 1997: 234)

²⁵ - Ver outras definições de tecnologia em BRESCIANI, Luis Paulo. Tecnologia, organização do trabalho e ação sindical - da resitência à contratação. Dissertação de mestrado, apresentada a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 1991. GAMA, Ruy. A tecnologia e o trabalho na história. São Paulo, EDUSP, 1986.

Enquanto no feudalismo o saber está enraizado na religião e esta define a visão do mundo, do homem e da natureza; o saber baseado na razão está articulado com as necessidades e problemas da nova sociedade. Ciência e tecnologia, portanto, nesta nova sociedade, respondem às necessidades do cotidiano.

Na nova ordem, a ciência passa a possuir grande força, não é mais o equivalente a "conhecimento válido", mas também funde-se com "tecnologia", ou seja, a aplicação útil do conhecimento.

Enquanto a ciência se constitui de enunciados (leis e teorias), permitindo conhecer a realidade e modificá-la; a técnica promove a transformação real, consistindo em operações visando satisfazer determinadas necessidades. A ciência e a técnica pressupõem, portanto, um plano, uma concepção, um desígnio a ser realizado. Ao contrário do que supõe o senso comum nem toda técnica deriva da ciência. O cotidiano muitas vezes exige repostas imediatas, repostas estas dadas pela inventividade do homem, pela sua capacidade de realizar.

No capitalismo ciência e técnica se imbricam e se fundem, com o objetivo de criar necessidades e satisfazê-las através da produção de mercadorias.

Corrêa (1997: 36) diz que a tecnologia é "...o conhecimento científico transformado em técnica, que, por sua vez, irá ampliar a possibilidade de produção de novos conhecimentos científicos (...) ela é a afirmação prática do desejo de controle que subjaz ao se fazer ciência e pressupõe ação, transformação; é plena de ciência, mas é, também, técnica".

Santos é mais radical quanto ao imbricamento destes conceitos no capitalismo.

"... não há mais distinção entre ciência e tecnologia: a tecnologia científica-se e o conhecimento científico converte-se em projeto tecnológico. A produção teórica e investimento científico passam a ser apoiados por uma complexa infra-estrutura de equipamentos tecnológicos, transformando, a ciência numa força produtiva de tecnologia e, simultaneamente, numa força produtora de tecnologia, que agora caracteriza-se por ser um tipo específico de conhecimento com propriedades que o tornam apto a, uma vez aplicado ao capital, imprimir determinado ritmo à sua valorização." (SANTOS, 1989: 78)

2.2 Tecnologia e Crise

Uma das principais características do capitalismo na atualidade é o caráter cíclico de seu processo de desenvolvimento, marcado por fases de prosperidade e depressão.²⁶

Ao longo da história este tem se utilizado da ciência para superar seus períodos de crise. Estes períodos são marcados pela adoção de novos instrumentos de trabalho e formas de gestão. Vieira explicita a adoção de tecnologia para a extração da mais-valia e, conseqüente reprodução e acumulação do capital.

"...o desenvolvimento do trabalho no capitalismo significa o aperfeiçoamento e a criação de novas formas de extração de mais-valia e tem como resultado necessário o avanço do controle do capital e o definhamento da contribuição do trabalhador (...) a mecanização do trabalho, uma característica desta sociedade, ilustra perfeitamente esta

²⁶ - Em Marx uma das principais características do capitalismo é o seu caráter cíclico, marcado pro fases de prosperidade e depressão. Outra característica é a luta de classes: "... a história da sociedade até nossos dias é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestre oficio e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos (...). In: Manifesto Comunista.

teoria. Porque opera ininterruptamente e com maior velocidade, a máquina aumenta a produtividade e também obriga o trabalhador a dar mais trabalho, no mesmo tempo, aumentando assim a mais-valia.” (VIEIRA, 1989:79)

Por outro lado, o desenvolvimento de diferentes formas de gestão tem mostrado a capacidade do capitalismo de regeneração, além da inovação tecnológica. Os exemplos claros dessa capacidade de inventiva são modelos como o taylorista, fordista, e mais recentemente a acumulação flexível.

O engenheiro norte-americano Frederick Winslow Taylor desenvolve e sistematiza a chamada racionalização produtivista do trabalho. Os princípios básicos do taylorismo são: a separação programada da concepção/planejamento e execução das tarefas, a intensificação da divisão do trabalho, através da decomposição em parcelas elementares e simplificadas e o controle do tempo e movimentos. Para Taylor é essencial retirar do trabalhador o controle sobre o processo de trabalho, obliterando, inclusive, os conhecimentos do mesmo acerca de como proceder a execução das tarefas .

“... os operários, em seu conjunto, tinham cuidadosamente planejado como os trabalhos deviam ser executados e estabelecido o ritmo para cada máquina que correspondia mais ou menos a um terço de razoável produção diária (...) a ignorância do patrão a respeito dos tempos para realizar os trabalhos auxilia o operário no propósito de diminuir suas possibilidades de produção (...) deve planejar e executar muitos dos trabalhos de que até agora têm sido encarregados os operários; quase todos os atos dos trabalhadores devem ser precedidos de atividades preparatórias da direção.” (TAYLOR, 1976: 36, 50, 100)

O fordismo, desenvolvido por Henry Ford, no início do século XX, se caracteriza pela busca da automação através da mecanização

intensa, com uma divisão nítida das tarefas e a especialização de cada função de modo padronizado. Para Vieira a melhor síntese do modelo fordista é o estabelecimento das linhas de montagem.

“... a linha de montagem representa, simultaneamente, um avanço na redução do tempo de trabalho e uma quase garantia de que cada operário realizará uma tarefa no tempo que lhe é determinado pela cadeia de produção (...) o fordismo avança em relação ao taylorismo. Não apenas enquanto organização do trabalho, mas também como novas políticas de ampliação do mercado e utilização do salário para controle da classe operária (...) é da linha de montagem que partem todos os impulsos e sinais para os demais setores e para ela que tudo converge ”. VIEIRA (1989: 61)

Outra característica do fordismo, a elevação de salários. Ford apresentou duas justificativas para o pagamento de cinco dólares por dia de trabalho: salários elevados como a recompensa pela disciplina e estabilidade da força de trabalho em uma empresa organizada racionalmente e o estabelecimento de uma mercado consumidor para produtos de massa.

Hoje se discute a chamada fase de transição do capitalismo, nominada como da “acumulação flexível”. Essa fase é marcada pela expansão de mercados, flexibilização dos processos de trabalho, surgimento de novos setores de produção, altos índices de automação e uso de tecnologias de comunicação e de informação, rompendo os moldes adotados até aqui.

Para Espíndola, a história da tecnologia mostra que seus momentos de intensificação correspondem a períodos de crise econômica e social, dentro da formação social capitalista.

"...a tecnologia constitui-se, não só em um instrumento de acumulação (aumento de produtividade e da mais-valia), mas por isso mesmo, ela é, também, uma relação social e uma relação de dominação ou de poder. Ao surgir, ou a se intensificar num quadro de crise, ou seja, num momento dado da dinâmica da luta de classes e da competição acirrada entre os capitais ao nível internacional, a tecnologia é, ao mesmo tempo, por um lado, condicionada ou fruto dessas contradições sociais, e, por outro, um elemento potencial de resposta a elas". ESPÍNDOLA (1985: 77)

Essa também é a conclusão de Kuhn, para quem "...a produção de novos instrumentos é uma extravagância reservada para as ocasiões de crise. O significado das crises consiste exatamente nos fatos que indicam que é chegada a ocasião para renovar os instrumentos". (KUNH: 1994, 26).

2.3 Novas Tecnologias e Resistência

O debate em torno das repercussões do desenvolvimento de novas tecnologias sobre o emprego não é recente. A história está marcada por numerosos conflitos surgidos a partir da resistência às máquinas.

No século III , o Imperador Dioclesiano impede a utilização de uma máquina para levantar e alinhar as colunas do templo que ele mesmo manda construir; dispensando a máquina, ele poderia empregar mais homens e garantir-lhes alimento. Séculos mais tarde, em 1626, os conselheiros municipais de uma cidade italiana decidem destruir uma máquina (um novo tear) e, também, seu inventor, enforcando-o. Já no século XIX são conhecidas as revoltas "antiprogresso", como a dos tecelões de seda em Lyon em 1831, dos ludistas ingleses.²⁷

²⁷ - Os ludistas eram trabalhadores do final do século XVIII e início do século XIX que destruíram as novas máquinas introduzidas nas fábricas, em protesto contra o conseqüente desemprego e as

Apesar das revoltas e da destruição de máquinas a burguesia industrial impõe a utilização destas, que se tornam o símbolo mais evidente do desenvolvimento econômico: "... dizer que é preferível empregar máquinas é tão evidente quanto dizer que o sol ilumina mais que uma vela...", declara Napoleão ao ordenar a desocupação de uma fábrica onde tecelões protestavam.

Para Vieira o processo de inovação tecnológica volta-se sempre contra a força de trabalho.

"Criado para garantir e aumentar o excedente e não para melhorar as condições de trabalho, o processo de inovação tecnológica volta-se sempre contra a força de trabalho. Embora faça sempre novas exigências de qualificação, esse processo tem como função, de um lado, contribuir para o desaparecimento de profissões, e de outro, desenvolver uma tecnologia que para propiciar ao capital o controle absoluto das condições de sua reprodução, tende para a automatização completa da produção." VIEIRA (1989:17)

2.4 Os Jornalistas e a Resistência ao Computador

Em 1981 o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo organiza um seminário para discutir o uso do computador nas redações e as implicações que a adoção dessa nova ferramenta pode trazer para a categoria. Os cinco dias de discussões resultam na edição do livro **O que é isso Computador**. Editado pelo jornalista e diretor do Sindicato de São Paulo José Hamilton

reduções de pagamento. Os Luddites, como eram conhecidos, eram tecelões, liderados pelo Capitão Ludd - uma figura legendária, que quebraram os bastidores de tecer principalmente em Nottinghamshire. Os principais confrontos aconteceram entre 1811 e 1816. Ver PERROT, Michelle. Os excluídos da história. Operários, Mulheres e Prisioneiros. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

Ribeiro e financiado pelo CNPq, o livro se compõe da transcrição das palestras e debates do seminário “O jornalista diante do computador”. O livro traz ainda um balanço do desenvolvimento da microeletrônica, da Política Nacional de Informática, da experiências dos bancários com a informatização de determinados setores dos bancos e previsões de especialistas sobre o futuro da profissão com a popularização do computador. Essa ferramenta iria facilitar o trabalho, apesar de trazer alguns problemas como o fim das etapas intermediárias na produção da notícia e, conseqüentemente extinção de postos de trabalho. De conclusivo, aponta a certeza que a informatização da redação, mais do que um modismo, significa uma imposição do mercado.

... o jornal que não avançar vai ficar para trás e aí nenhum empresário quer ficar (...) vai desempregar a digitadora, a moça que passa tudo o que você escreveu para uma fita magnética ou eletrônica, antes da composição, essa moça será eliminada. Mas esse é um problema do mercado de trabalho”²⁸

A possibilidade do desemprego e o fim de postos de trabalho aparecem como problemas entre os jornalistas.

“... houve resistência no início. Lembro que quando trabalhava na Folha, em 1985, falava-se muito dos males que o computador causava, principalmente o desemprego. Hoje, acho essa discussão totalmente superada.”

“... nunca vi resistência ou medo . Os colegas gostam do computador e o vêem como aliado. Eu também. Acho que a geração formada na máquina de escrever já está quase toda aposentada ou se aposentando. O grande medo que temos (eu também) são as Lesões por Esforço Repetitivo, causadas pela máquina.”

²⁸ SIQUEIRA, Ethevaldo. O que é isso computador. SJSP. P. 46.

“... resistência, na redação nunca vi. Acredito que haja mais nas áreas técnicas, que perdem mais postos de trabalho com a informatização, como os paste-ups, substituídos pelas paginadoras eletrônicas, e os laboratoristas fotográficos, substituídos pelas scanners e pela fotografia digital.”

“... em geral, os jornalistas tem um pouco de medo antes de mudanças tecnológicas, porque não sabem como elas vão funcionar, mas uma vez seguros de sua capacidade para trabalhar na nova realidade, percebem que só tem a ganhar com elas.”

“... suspeito que houve maior resistência quando a máquina de escrever substituiu a caneta, faz sei lá quanto tempo, do que hoje com a troca da máquina de escrever pelo computador.”

“... o que noto, ao contrário, o jornalista está é sedento por tecnologia.”²⁹

A informatização das grandes redações, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Jornal do Brasil e O Globo, aproxima essa realidade dos jornalistas. Na Folha de São Paulo, em 1984, são demitidos cem revisores e extintos o mesmo número de postos de trabalho.

Em 1986 a Rede Brasil Sul implanta, em Florianópolis, o Diário Catarinense. A redação é composta por repórteres, redatores, diagramadores e nenhum revisor.³⁰ Mesmo diante dessa realidade, o que se verifica entre os jornalistas é noção do nada a fazer: “... é simples, trata-se de estar ou não em dia com o seu tempo. Ou se faz ou se é destruído”.³¹ Essa perspectiva é explicada por Rattner:

²⁹ - Respostas obtidas no Grupo de Discussão, através da Internet. O questionamento feito foi se e como o jornalista percebia movimentos de resistência à introdução de novas tecnologias. É interessante salientar que do Grupo de Discussão participaram jornalistas que vivenciaram a transição entre o computador e máquina de escrever e outros que iniciaram a vida profissional após a informatização das redações.

³⁰ O Diário Catarinense começou a circular em 05 de maio de 1986 e era, naquele período, o primeiro jornal totalmente informatizado na América Latina.

³¹ - Depoimento recolhido por Vianna, Ruth P. A informatização da Imprensa Brasileira. São Paulo: Loyola, 1992, p.130.

“... a alienação crescente dos trabalhadores, cada vez mais distantes dos meios de produção, do conhecimento profissional e do controle sobre a organização do trabalho, o planejamento da produção e o controle dos produtos e seus destinos”. (RATTNER :1985, 13)

A ação sindical dos jornalistas frente a informatização se restringe a colocação de cláusulas em acordo e dissídios coletivos. Em pesquisa feita nos dissídios e acordos coletivos dos sindicatos de São Paulo, Paraná, Distrito Federal, rio Grande do Sul, Ceará, Santa Catarina e Rio de Janeiro, no período de 1983 a 1990, verifica-se que a cláusula referente a este tema é ampla e genérica, prevendo em alguns casos estabilidade provisória ou adaptação a uma nova tarefa.

No quadro a seguir demonstramos um comparativo de dissídios e acordos coletivos de alguns sindicatos.

**QUADRO COMPARATIVO DE
CLAUSULAS EM ACORDOS E DISSÍDIOS COLETIVOS**

PARANÁ/96	BRASÍLIA/88	SÃO PAULO/92	RIO G. SUL/93	CEARÁ/95
<p>Na hipótese de adoção de tecnologia que possa implicar em redução de pessoal, as empresas entrarão em entendimento com os Sindicatos a fim de serem desenvolvidos esforços no sentido de possibilitar a readaptação dos atingidos pela medida.</p>	<p>No caso de adoção de tecnologia que possa implicar em redução de pessoal, as empresas acordantes entrarão em entendimento com o Sindicato a fim de serem desenvolvidos esforços conjuntos no sentido de possibilitar a readaptação dos que possam ser atingidos pela medida de forma a possibilitar-lhes o desempenho de novas funções</p>	<p>As empresas que pretenderem implantar sistemas de automação nas redações se comprometem a manter os empregados do setor informados dos projetos em andamento, desde que a prestação dessas informações não represente quebra de sigilo nem seja prejudicial aos seus interesses perante a concorrência</p> <p>As empresas deverão oferecer aos empregados do setor onde forem implantados tais sistemas a oportunidade de sua adaptação às novas técnicas e equipamentos, mediante aprendizagem e/ou cursos externos, realizados dentro da jornada de trabalho, que correrão por conta da empresa.</p> <p>As empresas garantirão condições de trabalho adequadas à preservação da saúde de seus empregados, nas quais estarão compreendidos o uso de iluminação adequada e a realização periódica de manutenção dos respectivos equipamentos.</p>	<p>A empresa deverá fornecer a seus empregados a oportunidade de sua adaptação às novas técnicas de equipamentos. O processo de adaptação constitui encargo da empresa, de sorte que as despesas com eventuais cursos e aprendizagem correrão por conta da empresa.</p>	<p>As empresas que pretendem incorporar novas tecnologias obrigam-se a avisar o Sindicato com 06 meses de antecedência e a manter os empregados do setor informados dos projetos em andamento.</p> <p>As empresas deverão oferecer aos empregados do setor onde implantarem tais sistemas, a oportunidade de sua adaptação às novas técnicas e equipamentos, mediante aprendizagem e cursos externos, realizados dentro da jornada de trabalho, custeados pela empresa.</p> <p>A reciclagem dos funcionários do setor deverá ocorrer até 02 meses antes da implantação dos novos equipamentos.</p> <p>Para a realização da reciclagem, os funcionários serão liberados sem prejuízo de salário e vantagens.</p> <p>A partir da incorporação de novas tecnologias, fica garantida a estabilidade de 02 meses para os funcionários não aproveitados no setor modificado.</p>

Outras manifestações coletivas como paralisações, operação “tartaruga” ou greves são verificadas em diversos períodos e estão relacionadas às chamadas demissões ideológicas e ao não cumprimento de acordos salariais.³² Em Santa Catarina, por exemplo, verificam-se conflitos entre empresários e trabalhadores a partir de 1986, ano de implantação do Diário Catarinense e da tomada do sindicato profissional por um grupo de oposição. Esses conflitos se estabelecem, basicamente, em defesa da jornada de trabalho e do piso salarial.

Antunes analisa a ação sindical na década de 80 e meados dos anos 90 e explicita a dificuldade dos sindicatos de assumirem posturas ofensivas em defesa da classe trabalhadora e o apego às questões episódicas e temporais.

“... os sindicatos foram forçados a assumir uma ação cada vez mais defensiva, cada vez atada a imediatidade, à contingência, regredindo sua já limitada ação de defesa de classe no universo do capital. Gradativamente foram abandonando seus traços anticapitalistas, aturdidos que estavam, visando a preservar a jornada de trabalho regulamentada, os demais direitos sociais já conquistados e, quanto mais a “revolução técnica” do capital avançava, lutavam para manter o mais elementar e defensivo direitos da classe trabalhadora, sem os quais sua sobrevivência está ameaçada: o direito ao trabalho, ao emprego.” (ANTUNES:1995, 148).

Para Antunes, o movimento sindical não processa a crise que atinge o mundo do trabalho, abandonando ações mais globais que visam “a emancipação do trabalho e do gênero humano, operam uma aceitação a

³² - RIBEIRO classifica as chamadas demissões ideológicas como sendo aquelas motivadas pela troca de chefias imediatas, por períodos de acirramento de conflito entre o empresariado e os movimentos populares (exemplo: diretas já), pela adesão dos profissionais a determinadas causas. Cabe salientar que, se de um lado, no caso de introdução de novas tecnologias os jornalistas não

crítica da social-democratização, ou o que é mais perverso, debatem no universo da agenda e do ideário neoliberal”. Antunes salienta que a crise no mundo do trabalho atinge a “materialidade e a subjetividade do ser que vive do trabalho” e que a resposta encontrada pelo sindicalismo para absorver essa crise, é a institucionalização das entidades e o desligamento das mesmas de movimentos sociais autônomos. No caso do Brasil, essa institucionalização se acirra a partir do projeto neoliberal de Collor, que inclui a massificação das privatizações, a desindustrialização e flexibilização das relações de trabalho.

2.5 Novos Instrumentos de Trabalho / Criação e Extinção de Ofícios

De fato, ao longo dos anos, a condenação ao uso de máquinas passa a ser entendida como condenação ao capitalismo. A história tem mostrado que a máquina transforma o trabalho e o conteúdo do mesmo e, conseqüentemente muda o homem.³³ Quantos tem sido os ofícios, antes importantes, que desapareceram por completo?

Analisando o processo de extinção de algumas profissões ao longo da história, Aued conclui que o desaparecimento de algumas profissões é social, não fruto exclusivo do uso da tecnologia.

expressaram resistência, de outro lado, os mesmos, ou parte deles, se aliaram aos movimentos de resistência política, como mostra a história recente do país.

³³ - “... quando o homem passa a atuar apenas como força motriz numa máquina- ferramenta, em vez de atuar com a ferramenta sobre o objeto de trabalho, podem tomar seu lugar o vento, a água, o vapor, (...) torna-se acidental o emprego da força muscular humana como força motriz”. (MARX: 1968,p.429)

"... o profissional não desaparece porque as técnicas utilizadas por ele se tornam obsoletas, mas, porque somente quando tudo aquilo para o qual ele foi instituído deixa de ser socialmente relevante. A chave da explicação que faz desaparecer profissionais está no processo social que ora inventa coisas e personagens sociais ora os torna obsoletos". AUED (1997: 05)

A pergunta que nos fazemos hoje é quantas outras profissões deixaram de ser socialmente relevantes e caminham para a extinção e quantas outras serão criadas para atender as necessidades engendradas a partir da invenção de outras máquinas?³⁴

Tanto na economia, quanto na sociologia, é possível identificar dois enfoques contrastantes em relação a esta questão. O conjunto de otimistas defende que as novas tecnologias podem possibilitar a libertação da humanidade do trabalho penoso, passando a máquina a executar tarefas difíceis, perigosas e insalubres. Estes autores discutem a possibilidade da máquina engendrar um aumento da produtividade, liberando um tempo maior para o chamado não-trabalho.

Ao ser questionado sobre o uso de tecnologias Bill Gates - Presidente da Microsoft, uma das maiores produtoras de informática do mundo, respondeu:

³⁴ - Uma pesquisa encomendada pelo governo americano, e divulgada recentemente pelo jornalista Gilberto Dimenstein, lista as dez profissões mais ameaçadas nos próximos dez anos. São elas: fazendeiro, datilógrafo/digitador/revisor de originais/copydesk/, guarda-livros/contador/auditor, caixa de banco, costureiras, faxineira/servente, operador de computador, operador de xerox/correspondência e outros equipamentos de escritório, operador e técnico de máquinas da indústria têxtil, escriturário, carregadores de material, trabalhador rural, operador e técnico de máquinas de corte, telefonista, instalador e técnico de Pabx, montador elétrico e eletrônico, instalador e técnico de estações de informática, atendente de recursos humanos, e digitador de dados.

*"... nos últimos dois séculos, o padrão de vida subiu dramaticamente porque a produtividade humana aumentou. O progresso vem sendo movido por vários tipos de tecnologia, entre eles a mecanização e os avanços em áreas como a medicina e os programas de computador. Muitos empregos foram substituídos. Hoje, há menos ferreiros e mais mecânicos de automóveis; menos telefonistas e mais pessoas trabalhando com telemarketing. Pessoas que trabalhariam na roça se vivessem em 1795, ganham a vida, em 1995, trabalhando com a cabeça. A tecnologia vai continuar melhorando a produtividade humana. Sociedades e pessoas que encontrarem melhores formas de trabalhar vão prosperar, forçando as outras para alcançá-las. Essa tendência - utilizar menos trabalho humano para obter mais resultados - não deve nos preocupar. Deve nos deixar contentes. Isso significa que cada vez menos empregos são cansativos, repetitivos. Não acredito que o número de empregos na sociedade vá diminuir nem que o trabalho vá se tornar menos interessante a medida que as máquinas se encarregam de determinadas tarefas. A história e a economia nos ensinam que, se um emprego é perdido devido a o aumento da produtividade, a pessoa que tinha aquele emprego fica livre para ajudar a satisfazer outra necessidade (...) no dia em que todas as necessidades mais importantes tiverem sido satisfeitas, a sociedade irá encurtar a jornada semanal de trabalho e aumentar as férias dos trabalhadores. À medida que o mundo se tornar mais rico, parte da sua riqueza será dedicada a aumentar o tempo de descanso e lazer das pessoas."*³⁵

Bill Gates compartilha da chamada teoria da compensação, que se baseia nos seguintes argumentos: a criação de empregos nos setores que produzem as máquinas; o incremento do consumo de produtos, já que a produtividade será maior - a ampliação dos mercados é consequência da baixa de preços, gerando demanda; e, finalmente, o progresso técnico provoca a liberação do poder aquisitivo, que induz a aparição de novas necessidades a serem satisfeitas. Assim o progresso técnico aumenta a eficácia global do sistema, gerando assim condições para o desenvolvimento.

Os críticos dessa teoria, como Ayala, dizem que o aumento da demanda como consequência de uma baixa geral de preços é limitada, já

³⁵ - Entrevista traduzida e publicada pela Folha de São Paulo em 08 de novembro de 1995. Caderno de informática/6, página 02.

que as tendências de mercado apontam para um saturamento do consumo, e a uma saturação relativa do consumo de bens duráveis.

"... entre os anos 60 e 70, o forte crescimento econômico e explosão do consumo, permitiu absorver os efeitos do progresso técnico; no entanto, na atualidade assistimos ao desenvolvimento de novas tecnologias, mas estamos imersos em um contexto de crescimento insuficiente . " (AYALA: 1991 ,78)

Outro ponto considerado por Ayala é a internacionalização da economia. Para ele as transformações tecnológicas aumentam as diferenças de competitividade existentes entre os países, o que provoca uma menor rentabilidade da produção nacional.

"(...) a utilização da microeletrônica na indústria relojoeira suíça tem desempregado trabalhadores daquele país - já que as características dessa indústria é o uso de pouca tecnologia e muita habilidade manual e produto diferenciado. No entanto, está criando novos empregos em países que foram os primeiros a se utilizar desta tecnologia e que hoje fabricam relógios praticamente sem a intervenção humana - a exemplo da Coreia e China, mas em quantidade e preços diferentes dos suíços." (AYALA: 1991 , 78)

Um aspecto que deve ser analisado com cuidado é o ritmo de difusão da tecnologia, que não é homogêneo no mundo inteiro. A informática, por exemplo, não penetra no mesmo ritmo, em todos os setores, em todas as empresas. A teoria da compensação considera uma adaptabilidade de estruturas em todo o mundo, no entanto, por mais globalizado que seja o mercado, existem diferenças sensíveis de país para país.

Os críticos da visão otimista do uso de tecnologia, acreditam que, a curto prazo, os efeitos do acirramento do uso de tecnologia só podem ser negativos, pois o objetivo do capitalista, ao utilizar máquinas, é precisamente reduzir o trabalho necessário para fabricar um produto. Esses críticos enfatizam que a substituição do homem pela máquina, provoca o aumento do desemprego, a intensificação do trabalho dos que conseguem manter seus postos, transformações no conteúdo do trabalho e implicações psicológicas e emocionais nefastas para os trabalhadores, como a perda do significado do trabalho e da identificação com ele, submissão ao ritmo da máquina e perda de autonomia e do controle sobre o próprio trabalho.

Um dos autores mais contundentes nesta análise é Rifkin, quando afirma que, ao contrário do que acontecia no passado, quando as tecnologias substituíram trabalhadores em determinados setores, outros surgiam para absorver essa mão-de-obra, hoje os postos suprimidos não são recriados.

“... uma pesquisa da atividade econômica nos últimos 50 anos revela uma tendência inquietante. Na década de 50, a média do desemprego ficou em 4,5%. Na década de 1960, essa média subiu para 4,8%. Nos anos 70 subiu para 6,2% e, nos anos 80 atingiu a marca dos 7,3%. Nos três primeiros anos da década de 1990, o desemprego atingiu a média de 6,8%. (RIFIKIN 1995:11)

Rifkin afirma que somente uma pequena elite terá novas oportunidades no futuro.

“... o único setor emergente é o setor do conhecimento, formado por profissionais, educadores e consultores. enquanto esse setor está crescendo, não se espera que absorva mais de uma fração das centenas de milhões que serão eliminados nas próximas décadas, no despertar dos avanços revolucionários nas ciências da informação e das comunicações (...) as

tecnologias da informação e das comunicações e as forças de mercado globais estão polarizando rapidamente a população mundial em duas forças irreconciliáveis e potencialmente antagônicas - uma nova elite cosmopolita de analistas simbólicos, que controlam as tecnologias e as forças da produção, e o crescente número de trabalhadores demitidos que têm poucas esperanças e perspectivas ainda menores de empregos significativos na nova economia global de alta tecnologia." (RIFIKIN 1995:67)

Uma grande quantidade de estudos têm sido feitos sobre os efeitos da informatização e, de maneira geral, da aplicação de novas tecnologias, em todos os setores, sobre o emprego. Estes estudos se centram basicamente em três vertentes: os que tendem a analisar os aspectos quantitativos das novas tecnologias sobre a produtividade e o emprego, através de modelos econométricos em setores específicos; os que polarizam nos qualitativos, em termos de mudanças na organização do trabalho ou na necessidade de formação e qualificação; e, por último, os que centram suas preocupações na difusão destas tecnologias e analisam as reações dos chamados "atores sociais".

As novas tecnologias são utilizadas para aumentar a produtividade e, conseqüentemente, aumentar a produção na unidade de trabalho, não importando ao capital se isso leva a supressão ou criação de novos postos. A análise do atual quadro de emprego e desemprego no mundo não pode ser feita de forma isolada, sem levar em consideração a conjuntura sócio-econômica de hoje.

Capítulo III

A “REVOLUÇÃO” INFORMACIONAL

Atualmente o termo “revolução” informacional, ou terceira revolução³⁶, é utilizado com constância para definir o desenvolvimento das tecnologias de automação aliadas às de comunicação. O símbolo deste momento é, sem dúvida, a rede mundial de computadores - a Internet.

Iniciada em 1970, a rede começou com quatro computadores, que se tornam 73 em 1975, 205 em 1980, sobem para 5.816 em 1985, alcançam 80 mil em 1990. A estimativa para 1998 é de 1.200.000 computadores conectados. Estima-se que mais de 70 milhões de máquinas estarão interligadas até o ano 2000. À cada dia mil novos computadores se conectam à rede; mais de 20 milhões de mensagens eletrônicas circulam neste momento pelo cyberspaço e o total de dados transmitidos cresce a uma taxa de 14% por semana. A World Wide Web ou, www, consiste em mais de sete milhões de endereços eletrônicos colocando à disposição mais

³⁶ - Vamos utilizar o termo revolução informacional utilizado por Lojkine, uma vez que não há unanimidade entre diversos autores a respeito.

de 100 milhões de documentos.

Se considerarmos que em 1800 não havia um carro sequer em todo o planeta e hoje eles são milhões, o período de invenção e proliferação destes não seria também revolucionário? O mesmo raciocínio pode ser aplicado a outras invenções como o avião que “revolucionou” o mundo quando, praticamente, eliminou as distâncias para uma determinada classe de pessoas que podem usufruí-lo.

3.1 A Revolução no Trabalho

A “revolução” anunciada pela massificação do computador pode ser verificada no cotidiano. Tido como capaz de resolver todos os problemas e de facilitar o trabalho do homem, é mitificado e cultuado. Para Soares, esse processo acabou resgatando o culto da máquinas salvadoras. A máquina representaria a tábua de salvação da humanidade. No entanto, o cotidiano daqueles que usam as máquinas-computadores apesar das mudanças, não se alterou a ponto de produzir novos atores sociais.

No entanto, de acordo com o Dicionário do Pensamento Social do Século XX, revolução é a tomada ilegal do poder, produzindo uma mudança fundamental nas instituições de governo. Entretanto o termo vem sendo usado de muitas maneiras, com algumas variações de significado. Usa-se por vezes para definir *qualquer* mudança, quer seja ou não violenta ou súbita. Assim, nos deparamos com expressões como revolução industrial, científica, de costumes. Muitos pensadores, usam o termo para

assinalar uma mudança que seja progressiva, considerando-a um processo e não um evento específico.

Sem dúvida, se considerarmos esse princípio, o período que antecede o capitalismo em substituição ao feudalismo, se caracteriza como um período revolucionário. No feudalismo a riqueza se expressa em ouro, jóias, propriedades. No entanto, é no capitalismo as riquezas se reproduzem através do trabalho. E isso foi possível pela transformação da força de trabalho em mercadoria - que pode ser comprada e vendida, da concentração dos meios de produção, do fim da cooperação individual, da concentração de trabalhadores em grandes fábricas, e pelo estabelecimento de diferentes relações com a natureza, ocasionando profundas transformações sociais e econômicas.

A primeira grande mudança no trabalho é, sem dúvida, a concentração dos meios de produção nas mãos de uma classe social, a burguesia. A outra é o fim do artesão especializado e a emergência do trabalho parcializado. E, finalmente, se dá na relação do homem com a natureza. Se no feudalismo a natureza é, contraditoriamente, inimiga e aliada, no capitalismo ela é fonte de matéria-prima, que transformada em mercadoria se torna capital.

“... a tecnologia serve para intuir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle social e coesão social. A tendência totalitária desses controles parece afirmar-se ainda em outro sentido - disseminando-se pelas áreas menos desenvolvidas e até mesmo pré-industriais e criando similaridades no desenvolvimento do capitalismo e do comunismo. Em face das particularidades totalitárias dessa sociedade, a noção tradicional de “neutralidade” da tecnologia não mais pode ser sustentada. A tecnologia não pode, como tal, ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na

elaboração das técnicas (...) Como um universo tecnológico, a sociedade industrial desenvolvida é um universo político, a fase mais atual da realização de um projeto histórico específico - a saber, a experiência, a transformação e a organização da natureza como mero material de dominação". (MARCUSE: 1964, 41)

Analisando este final de século XX é possível afirmar que os processos tecnológicos de mecanização e padronização poderiam liberar o homem para um domínio de liberdade ainda desconhecido, para além de suas necessidades. Na realidade, no entanto, opera-se uma tendência oposta. O aparato tecnológico impõe exigências econômicas e políticas e aumenta o controle sobre o trabalho e sobre o tempo livre. Para Marcuse, em virtude do modo pelo qual a sociedade capitalista organiza sua base tecnológica, ela tende a reforçar os laços totalitários e assegurar a divisão entre as pessoas.

"se o trabalhador e o patrão assistem ao mesmo programa de televisão e visitam os mesmos pontos pitorescos, se a datilógrafa se apresenta tão atraentemente pintada quanto a filha do patrão, se o negro possui um Cadillac, se todos lêem o mesmo jornal, essa generalização não indica o desaparecimento de classes, mas a extensão com que as necessidades e satisfações que servem à preservação do estabelecimento é compartilhada pela população subjacente (...) de fato, nos setores mais altamente desenvolvidos da sociedade contemporânea o transplante de necessidade sociais para individuais é de tal modo eficaz que a diferença entre elas parece puramente teórica". (MARCUSE: 1964, 58)

Para o mesmo autor, o progresso não é um termo neutro, encaminha-se para fins específicos, e esses fins são definidos pelas possibilidades de melhorar a condição humana. No entanto, essas possibilidades são tolhidas pelo capitalismo, que se utiliza do "progresso tecnológico" para aperfeiçoar as formas de exploração e acumulação de capital.

A sociedade industrial que faz suas a tecnologia e a ciência é organizada para a dominação, cada vez mais eficaz, do homem e da natureza, para a utilização cada vez mais eficaz de seus recursos.

"a sociedade industrial desenvolvida se aproxima da fase em que o progresso contínuo exigiria a subversão radical da direção e organização do progresso predominantes. Essa fase seria atingida quando a produção material (incluindo os serviços necessários) se tornasse automatizada a ponto de todas as necessidades vitais poderem ser atendidas enquanto o tempo de trabalho necessário fosse reduzido a um tempo marginal. Daí por diante, o progresso técnico transcenderia ao reino da necessidade no qual servira de instrumento de dominação e exploração, que desse modo limitava sua racionalidade; a tecnologia ficaria sujeita à livre atuação das faculdades na luta pela pacificação da natureza e da sociedade". (MARCUSE:1969,87)

A tecnologia opera "transformações" na classe trabalhadora. A mecanização reduz cada vez mais a quantidade e a intensidade da energia física consumida no trabalho. Ora, mas mesmo com o avanço tecnológico o trabalho continua sendo exaustivo - é necessário concentração para repetir os mesmos movimentos, aumento da velocidade e domínio da máquina, isolamento uns dos outros. Vieira explicita essa situação.

"... o torneiro-mecânico é capaz, a partir de um desenho, de produzir a peça, o que inclui, além da própria interpretação do desenho, as seguintes etapas: escolher as ferramentas; prepara a máquina; determinar os ângulos, a seqüência e a velocidade de corte; acompanhar, ininterruptamente, o desempenho da máquina e sua ação sobre o material cortado (...) além do mais, deve ter acuidade visual e habilidade manual para produzir as formas com a precisão exigida." (VIEIRA:1989,79)

Outra inovação verificada com o avanço tecnológico é o aumento do controle sobre o trabalho e sobre o trabalhador. O uso da máquina significa que o trabalho pode ser medido, que se pode prender o

homem ao trabalho, atrelar e medir o seu rendimento. Esse controle se dá tanto objetivamente como subjetivamente. No taylorismo, por exemplo, o controle é explícito. Já no fordismo o controle é implícito, se dá através do salário, do estímulo ao consumo de massa.

“...não podendo ter controle sobre a atividade mental e sendo compelido por força das condições antagônicas de produção a controlar completamente o tempo de trabalho, não resta a Taylor outro caminho, senão tentar reduzir o trabalho a uma seqüência de gestos mecânicos, repetitivos e passíveis de quantificação. (...) o fordismo avança em relação ao taylorismo, não apenas enquanto organização do trabalho, mas também como novas políticas de ampliação do mercado e utilização do salário para o controle da massa operária. Salários elevados eram a recompensa pela disciplina e estabilidade da força de trabalho (...) mas também forneceriam o mercado comprador necessário para a produção em massa.” (VIEIRA:1989, 50, 60)

Segundo Marcuse, a mudança mais significativa provocada pela tecnologia é o esfumaçamento da figura do capitalista em si. Para ele “a dominação se transfigura em administração”. Enquanto o “gerente ou burocrata” é visto, subjetivamente, como responsável pela manutenção da ordem e do emprego e, conseqüentemente, do meio de vida do trabalhador.

3.2 Uma revolução diferente

Separado de Marcuse por duas décadas de desenvolvimento de tecnologia, Lojkin afirma que o avanço tecnológico e as novas condições que ele impõe, se caracterizam como uma revolução, embora apresente poucas características daquelas que a precederam. Para ele, a tecnologia pode dar condições à humanidade de, finalmente, suprimir a divisão de

classes, centrada entre os que produzem e os que dirigem a sociedade. Lojkiné aposta, também, na possibilidade do homem ultrapassar a barreira entre os que pensam e os que fazem.

“a revolução informacional nasce da oposição entre a revolução da máquina-ferramenta, fundada na objetivação das funções manuais, e a revolução da automação, baseada na objetivação de certas funções cerebrais desenvolvidas pelo maquinismo industrial.” (LOJKINE: 1995, 229)

A revolução informacional, vista por Lojkiné, manifesta-se no conjunto de formas novas de informação que ela mobiliza, notadamente nos circuitos da inovação na empresa e nas redes que vinculam indústrias, serviços e pesquisa científica.

“(...) as premissas da revolução informacional, no contexto atual de crise e de reestruturação capitalistas, discutem a idéia de uma substituição da produção pela informação, defendendo a tese de uma interpenetração complexa entre a indústria e serviços, concepção e fabricação, ciência e experiência e, conseqüentemente, entre assalariados da produção e assalariados da concepção”. (LOJKINE, 1995, 238)

Outra característica dessa revolução é a substituição do modelo taylorista-fordista de gestão por outros mais eficientes e modernos, como o toyotismo. Apoiado em diversos autores Lojkiné nos mostra, por exemplo, que no modelo japonês de gestão os sindicatos de trabalhadores não representam mais um contra-poder, estão profundamente integrados na gerência empresarial. O mesmo se aplicando às relações entre grandes

empresários, pequenos e médios empresários e entre países do primeiro e terceiro mundo.

“... se em termos tecnológicos está acontecendo uma revolução silenciosa, o mesmo não se pode dizer no tocante às relações entre as empresas e conglomerados dos países que produzem e aqueles dos países que consomem tecnologias. Este aspecto da revolução em andamento é pouco silencioso. Isto pode ser percebido na insistente pressa com que os donos dos grandes conglomerados de operadoras privadas, bem como os próprios governantes dos países dos primeiros mundo – com a concordância e açodamento dos governos e do empresariado do terceiro mundo –, exigem que a flexibilização, desregulamentação e privatização sejam imediatamente adotadas”. (LOJKINE, 1995, 165)

Harvey não considera esse momento revolucionário. Para ele, tanto a adoção de novas formas de gerência, como o incremento técnico-científico, representam uma adaptação do capitalismo ao momento histórico.

“... o incentivo à criação do mercado mundial, para redução de barreiras espaciais e para a aniquilação do espaço através do tempo, é onipresente, tal como o é o incentivo para racionalizar a organização espacial em configurações de produção eficientes (...), redes de circulação (...) de consumo (...). As inovações voltadas para a remoção de barreiras espaciais em todos esses aspectos têm imensa significação na história do capitalismo, transformando-a numa questão deveras geográfica – as estradas de ferro e o telégrafo, o automóvel, o rádio e o telefone, o avião a jato e a televisão, e a recente revolução das telecomunicações são casos em tela”. (HARVEY:1993,212)

- No entanto, o mesmo autor afirma que os princípios básicos do capitalismo se mantêm e, ao contrário do que se possa deduzir de um período de crise, se fortalece.

“... são abundantes os sinais e marcas de modificações radicais em processos de trabalho, hábitos de consumo, novas configurações geográficas e geopolíticas. No entanto, ainda vivemos numa sociedade em que a produção em função dos lucros permanece como princípio organizador da vida econômica. Portanto, precisamos de alguma forma representar todos os grandes eventos ocorridos desde a primeira grande recessão do pós-guerra, em 1973, maneira que não perca de vista o fato de as regras básicas do modo capitalista de produção continuarem a operar como forças plasmadoras invariantes do desenvolvimento histórico-científico-geográfico.” (HARVEY:1989, 17)

Adaptação ao momento ou revolução via tecnologia e informação? Obviamente que este final de século é paradigmático na história do homem. No entanto, não podemos deixar de constatar que, apesar do avanço técnico-científico, as relações antagônicas entre capital e trabalho persistem, não foram alteradas ou substituídas.

A persistência da separação dos homens em classes, com distribuição desigual de renda acentua as diferenças entre pobres e ricos, entre quem faz e quem tem. A precarização nas condições de trabalho, o crescente aumento do nível de desemprego em todo o mundo e o conseqüente aumento nos níveis de pobreza e exploração, são realidades deste final de século.

3.3 Computador na Redação e no Jornalismo

Muitos analistas afirmam que o uso massivo de computadores nas redações e a ascensão da Internet estão provocando uma “revolução no jornalismo”. No entanto, o que se verifica é que a “revolução” começou bem antes, com a chamada profissionalização das empresas de comunicação.

Para Goldenstein (1987) é a partir da década de 60, com o desenvolvimento da chamada indústria cultural, que começa a se consolidar dentro das empresas de comunicação a “maturação da acumulação capitalista”.

“suas mensagens passam a ser submetidas à mesma lógica de produção e distribuição das demais (...) são elaboradas dentro de grandes complexos empresariais, altamente concentrados do ponto de vista técnico e centralizados do ponto de vista do capital; são produzidas em escala industrial, num esquema de mercado, na maioria das vezes, por um alto grau de divisão do trabalho, embora possam coexistir, em alguns casos, formas artesanais e industriais de produção; como produto, são padronizadas; sua produção e distribuição orientam-se pelo critério da rentabilidade.” (GOLDENSTEIN: 1986, 22)

As normas impostas pelo racionalismo dos administradores e dos engenheiros de produção, para a obtenção da maior rentabilidade, são rígidas. O trabalho passa a ser medido pelo princípio do desempenho, o que deixa cada vez menos espaço para a ação individual.³⁷ Há o controle do trabalho, do tempo trabalhado e, principalmente, intensificação da jornada de trabalho.

“... é preciso que o modo de produção capitalista já tenha atingido um certo grau de amadurecimento, o qual diz respeito tanto ao processo de concentração e centralização do capital, ao grau de desenvolvimento tecnológico e financeiro como à sua contra-face: a forma assumida pelas relações sociais, a qual se caracteriza pelo domínio progressivo do capital sobre o trabalho e sobre o conjunto da sociedade.” (GOLDENSTEIN: 1986, 22)

³⁷ - sobre esse processo ver Ribeiro, Cláudio. *Sempre Alerta*. São Paulo: Olho D'água/Brasiliense, 1994. Além de Medina, Cremilda. *O jornalismo na nova república*. São Paulo: Summus Editorial, 1987 e Melo, José Marques. *Imprensa e desenvolvimento*. São Paulo: ECA/USP, 1983.

O fechamento deste ciclo se completa com a expansão dos monopólios e com investimentos para ampliação dos parques gráficos, informatização das redações e diversificação dos serviços oferecidos.

3.4 O Teletrabalho

Teletrabalho, trabalho à distância ou ainda o telecommuting, são termos que designam o trabalho daqueles que se utilizam de um computador equipado com modem e linha telefônica. Esse trabalhador pode ter vínculo empregatício ou não com uma empresa.

Para Soares (1995) teletrabalho pode ser conceituado como “uma forma de organização onde ele é mediado por computadores e telecomunicação, de modo a ser realizado fora da organização central”. Segundo Wisner (1987) pode-se apontar como vantagens do teletrabalho a economia que seria feita com aluguéis e despesas gerais; a diminuição do estresse do trânsito e deslocamento e a redução de encargos trabalhistas

A possibilidade de conciliar a atividade profissional com a responsabilidade familiar e a eliminação do estresse causado pelo deslocamento (lotação, perda de tempo no deslocamento, engarrafamentos) são atrativos do teletrabalho. No entanto, levanta diversos problemas como a falta de instalações adequadas para a execução da tarefa; a confusão entre o espaço privado e o espaço profissional e a ausência de programas de saúde e segurança do trabalhador. Para Grize (1985) um ponto fundamental diz respeito ao isolamento do indivíduo.

“reduzir a comunicação humana nas empresas a uma simples transmissão de informações significa elidir todo o problema do sentido e das significações. É esquecer que todo discurso, toda palavra pronunciada ou todo documento escrito se insere, em maior ou menor grau, na esfera do agir, do fazer, do pensar, do sentir.” (GRIZE: 1985, 165)

Apesar da literatura acerca dessa problemática não apresentar discussões aprofundadas, alguns críticos do teletrabalho questionam o isolamento que ele produz. Segundo Dejours (1992) o fim das comunicações pessoais afeta e desorganiza a vida emocional e afetiva do trabalhador, uma vez que o mesmo não pode compartilhar as frustrações e ansiedades do cotidiano.³⁸

3.5 O Exemplo do Le Monde

Em março de 1979 o Le Monde, na França, contava com 1.116 pessoas, sendo 227 redatores, 450 trabalhadores gráficos, 44 técnicos de manutenção, 249 escriturários e 146 administrativos. A implantação do trabalho à distância busca uma diminuição dos custos dos ditados dos jornalistas para as secretárias de imprensa, feitos por telefone, implicando na redução de, pelo menos, 30% do pessoal, além de agilizar o fechamento do jornal.

Em 1987 o Le Monde firma um acordo de modernização da empresa entre a direção e o Sindicato do Livro, por meio do qual 30% do jornal é editado eletronicamente. A transmissão de notícias regionais por “modem” começa entre a sede central de Paris e o escritório de Lyon. Aos

³⁸ Ver também RUIZ (1995), VENDRAMIN&VANLENDUC (1989), SHAMIR&SALOMON (1985).

poucos, os jornalistas são equipados com computadores portáteis, possibilitando assim o preparo de seus artigos em qualquer lugar. Paralelamente a isso, desde setembro de 1989, o Le Monde instalou, gradualmente, um sistema de redação integrada permitindo aos jornalistas, não só fazer os artigos, como também fazer consultas às fontes e transmitir os textos para diferente seções.

A partir de 1990, os jornalistas passam a trabalhar com comunicação bidirecional e a receber respostas do sistema. Alguns elementos dessa situação chamam a atenção: os contratos entre os freelancers e os trabalhadores fixos prevêm a remuneração por tarefa; os jornalistas fixos têm contratos de emprego sem limite de tempo, o que lhes garante estabilidade e cobertura social; as horas normais de trabalho são de 39 horas/semana; os equipamentos, incluindo linha telefônica pertencem ao jornal. Como o Le Monde, são inúmeros os exemplos de empresas de comunicação de outros países que já se utilizam do teletrabalho para a produção de jornais e revistas.

3.6 Os Jornalistas Brasileiros e o Teletrabalho

No Brasil, apesar das facilidades anunciadas, o teletrabalho ainda não é uma realidade plenamente expandida. A maioria dos profissionais desenvolve suas atividades dentro das redações. A explicação para este procedimento pode estar na falta de condições financeiras para aquisição de equipamentos pessoais – o salário médio não alcança R\$ 1.200,00.

Segundo o entrevistado Carlos Castilho³⁹ o teletrabalho tende a aumentar em países como Estados Unidos, onde os equipamentos são baratos e os salários são compatíveis com o desempenho das tarefas.⁴⁰

“... o equipamento que tenho em casa é pessoal . Se preciso de um software novo ou qualquer outra peça, compro. Eu tenho uma remuneração compatível e tenho essas possibilidades. No entanto, o salário que um jornalista ganha no Brasil não dá para ter equipamento o equipamento necessário.”⁴¹

Para ele, o outro fator que emperra o desenvolvimento do teletrabalho entre os jornalistas é a questão do controle do trabalho:

“... os empresários querem controlar a produção, ter certeza de que ninguém furou a pauta de propósito, de que o empregado foi ao trabalho. Os jornalistas, como os demais trabalhadores, querem as certezas da carteira assinada, do salário no fim do mês...”⁴²

Outros problemas apontados para a não expansão do teletrabalho no Brasil dizem respeito às condições das telecomunicações, já que em diversas regiões do país os investimentos nos serviços de telefonia cessaram ou, praticamente, são inexistentes desde o início dos programas de privatização.

3.7 Mudanças na condição Social dos Jornalistas

Apesar das mudanças físicas na redação e algumas alterações nos procedimentos cotidianos de coleta da informação, uso da Internet

³⁹ -Carlos Castilho mora em Jurerê interior da Ilha de Santa Catarina e é colaborador free-lancer do World Paper,. Diariamente Castilho investiga, através da Internet, o que está acontecendo nas áreas de política e economia nos países da América Latina, redige e envia uma coluna ao jornal que está sediado em Boston – Estados Unidos. Como ele, outros 40 jornalistas espalhados pelo mundo colaboram com o World Paper. A redação em Boston é composta apenas por quatro profissionais.

⁴⁰ - Só na AT&T norte-americana são 107 mil teletrabalhadores. Os dados da OIT – Organização Internacional do Trabalho, mostram que mais de 7 milhões de americanos transformaram suas casa em escritórios.

⁴¹ Entrevista pessoal. Depoimento gravado em abril de 1998.

⁴² Idem nota acima citada.

como fonte de dados e do computador como banco de informações, pode-se afirmar que a introdução dos computadores na redação não alterou a condição social do jornalista. A relação empresário de comunicação/jornalista, ou seja, capital/trabalho continua, sendo que nos últimos anos se verifica a precarização do trabalho.

O assalariamento continua sendo regra entre a categoria. Segundo dados da Fenaj – Federação Nacional dos Jornalistas, dos 25 mil profissionais sindicalizados no país, 65% são assalariados e empregados de grandes grupos de comunicação. Do restante, 25% estão vinculados às chamadas Assessorias de Comunicação de instituições governamentais, privadas e não governamentais, sendo contudo, também assalariados. Os demais 10% são proprietários de empresas alternativas de comunicação, com traços de pequena empresa familiar.

Outro aspecto relevante é a juvenização da profissão. As escolas de comunicação lançam no mercado cerca de dois mil profissionais/ano. Esse exército de reserva numeroso, qualificado e jovem tem permitido ao empresariado a opção pela contratação de jovens recém formados em detrimento de profissionais com mais idade e experiência. Esse procedimento acirra a rotatividade e permite a manutenção de salários baixos, como mostra o quadro abaixo.⁴³

⁴³ - Ressalve-se que em alguns estados como São Paulo e Rio de Janeiro o piso salarial é referência para a negociação de salário individual. Na maioria, no entanto, o valor do piso corresponde ao valor do salário.

PISO SALARIAL NACIONAL / QUADRO COMPARATIVO

SIND	DATA	DEZ/94	JUL/95	DEZ/95	JUL/96	DEZ/96	JUL/97	DEZ/97	JUL/98
*AC	DEZ	403,00	403,00	403,00	**	**	**	592,00	**
*AL	MAI	518,00	699,53	699,53	860,41	860,41	930,96	930,96	969,31
*AM	JAN	**	**	**	400,00	400,00	400,00	450,00	450,00
*BA	JAN	**	350,00	350,00	600,00	600,00	600,00	600,00	850,00
*CE	JAN	313,00	350,00	460,00	460,00	550,00	550,00	610,00	**
*DF	ABR	320,00	605,00	605,00	767,00	822,00	822,00	822,00	863,00
*ES	MAI	400,00	500,00	500,00	640,00	640,00	700,00	700,00	700,00
*GO	MAI	250,00	450,00	450,00	540,00	540,00	600,00	600,00	600,00
*JF	**	**	**	377,00	**	**	**	**	**
*LOND.	OUT	600,00	660,00	800,00	800,00	903,84	903,84	943,42	943,42
*MA	SET	264,00	364,00	400,00	300,00	400,00	400,00	400,00	**
*MT	MAI	650,00	950,00	950,00	1.050,00	1.050,00	1.050,00	1.050,00	1.500,00
*MS	MAI	**	**	600,00	600,00	750,00	825,00	825,00	825,00
*MG	ABR	**	350,00	350,00	600,00	651,00	651,36	651,36	700,00
*PA	OUT	402,00	580,65	666,50	712,67	712,67	746,01	778,68	778,68
*PB	DEZ	**	**	**	350,00	350,00	*	*	**
*PR	OUT	600,00	660,00	800,00	800,00	903,84	903,84	943,42	943,42
*PE	AGO	249,67	291,04	350,00	350,00	420,00	420,00	750,00	750,00
*PI	FEV	241,02	367,20	374,54	479,00	479,00	479,00	520,00	570,00
*RN	SET	291,43	376,74	378,85	378,85	447,04	447,04	466,26	603,87
*RS	JUN	316,35	500,00	500,00	500,00	640,00	640,00	685,00	681,60
*RO	MAR	**	**	**	**	500,00	**	550,00	**
*RR	**	**	**	**	**	430,00	700,00	700,00	**
*ERJ	JUL	**	300,00	300,00	350,00	473,00	473,00	510,00	962,00
*SE	NOV	210,00	296,64	350,00	371,00	400,00	416,00	425,00	**
*SC	MAI	280,00	336,00	362,74	400,00	515,00	*	600,00	600,00
*SP	DEZ	500,00	535,00	650,00	650,00	730,00	730,00	*	760,00
*TO	**	**	**	**	**	500,00	**	720,00	**
*MRJ	FEV	218,91	300,00	300,00	424,36	1.877,49	*	*	1.961,00
MÉDIA NAC.	-----	369,90	464,77	495,50	554,70	645,90	655,87	670,53	850,61

* Em negociação - Fonte: Sindicatos/ FENAJ

** Sem informação - Fonte: Sindicatos/FENAJ

Outra consequência desse processo de juvenização é o não oferecimento de cursos de reciclagem por parte das empresas. Em seu lugar o sindicato assume a tarefa da requalificação através do oferecimento de cursos pelos Sindicatos e Federação. Já está em funcionamento a Escola de Jornalistas, um programa financiado pelo Ministério do Trabalho, para familiarizar os jornalistas com as tecnologias computacionais.

Além de aulas teóricas, as disciplinas práticas incluem noções de digitalização de imagem e som, uso de softwares para paginação e diagramação. Segundo o Presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina Sérgio Andrade:

*“... se há alguns anos a preocupação era preservar o nível de emprego, nesse momento, tem sido a qualificação e a saúde. As exigências aumentam todo dia, é preciso saber lidar com o computador, falar outros idiomas (...) mas as empresas não oferecem oportunidade de reciclagem, vão no mercado e buscam alguém que já tem esses domínios, quem não tem, tá fora”.*⁴⁴

Aos baixos salários e a juvenização das redações, soma-se a questão da saúde. Uma pesquisa de Organização Mundial do Trabalho, feita em 1984, identifica as doenças cardiovasculares, as neuroses, as doenças do aparelho digestivo como sendo as enfermidades mais frequentes na profissão.

Em 1995 a OIT refaz a pesquisa e acrescenta outros problemas causados pelo computador: deficiências na visão e no sistema reprodutor, lesões permanentes nos tendões, alergias, epilepsia, estresse, bronquite crônica devido ao ar refrigerado, além de problemas de ergonomia.

⁴⁴ - Entrevista com o Presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina e Secretário-Geral da Federação Nacional dos Jornalistas, Sérgio Murillo de Andrade, em 05 de abril de 1998.

Além da deterioração das condições de saúde, a evidência de precarização no trabalho é observada nos chamados procedimentos flexibilizados. Em 1995, o Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina deflagra uma campanha contra o exercício irregular da profissão. Os laudos da Delegacia Regional do Trabalho, responsável pela fiscalização do exercício profissional, mostram, não só o desrespeito a legislação profissional, como evidenciam a precarização do trabalho. Das trinta empresas fiscalizadas – entre elas os jornais Diário Catarinense, A Notícia, O Estado e Jornal de Santa Catarina -, em seis empresas é constatada a existência de contratos temporários de trabalho, em quinze a abolição do controle de ponto através de livro ou máquina, em vinte e duas o não depósito de Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, e em catorze o não pagamento do salário normativo.⁴⁵

3.8 A Necessidade de Reciclagem para Enfrentar o Novo Século

Com o crescimento dos jornais, ampliação do mercado e a velocidade cada vez mais exigida da informação, o trabalho da imprensa torna-se mais rápido, mas ao mesmo tempo se fragmenta mais, escapando à capacidade e ao controle de um único indivíduo. A massa de informação disponível e a dinâmica de sua circulação passam a exigir que o trabalho do jornalista seja distribuído entre vários profissionais e percorra uma hierarquia cada vez mais acentuada, subtraindo ao profissional o seu antigo domínio sobre o produto final.

⁴⁵ - Os dados estão disponíveis nos boletins de ocorrência da DRT-SC, de maio a outubro de 1995.

Na atualidade o jornalista não se ocupa, exclusivamente, com o relato dos fatos, uma vez que a notícia é, em todos os veículos, cada vez mais produzida - gráficos, efeitos de computador, aumento do número de fontes. A tendência é que o jornalista volte a se ocupar, ou pelo menos acompanhar, todos os passos da produção.

“... na Folha incentivamos os jornalistas a desempenharem várias tarefas, como diagramação e paginação que antes eram da alçada do departamento de artes. Os recursos de informática permitem que isso seja feito em tempo menor e transfere o poder decisório aos jornalistas. A qualificação é fundamental e por isso temos um departamento só para treinamento interno.”

“... aumenta, por exemplo, a necessidade de qualificação no domínio da língua portuguesa. Os computadores também facilitam algumas tarefas mas, não eliminam a necessidade de especialização e conhecimento específico.”

“...vejo a profissão da seguinte maneira. Todo mundo vai ter que ter texto final. Acho que o jornalista daqui para a frente deverá ser muito mais qualificado. Deve ter formação humanística e formação técnica.”

“... o jornalista do século 21 mantém a essência do jornalista das últimas décadas, mas recebe pressões no sentido de dominar fluentemente pelo menos o inglês, dominar cada vez mais a própria língua, ter naturalidade no uso do computador, ter uma visão mais completa de todas as ferramentas jornalísticas - texto, edição, arte, fotografia.”⁴⁶

Como profissional capaz e com qualificação adequada, pode servir de mediador entre as diversas "tribos" do mundo globalizado. A indústria farmacêutica americana, por exemplo, está contratando jornalistas e publicitários para traduzir a linguagem médica das bulas de remédio, de modo a torná-las acessíveis ao grande público, e assim evitar os erros e os processos jurídicos. O mesmo procedimento está sendo adotado pelas

46 - Respostas obtidas no Grupo de Discussão e entrevistas pessoais, a partir do questionamento

indústrias de eletrodomésticos da Europa e Ásia, que estão montando escritórios de jornalismo e relações públicas para a confecção dos manuais de instrução. Nestes exemplos fica evidente a necessidade da “tradução” destas linguagens, que exige um profissional com domínio da linguagem coloquial, mas que seja capaz de decodificar informações sobre eletrônica, medicina ou leis.

Finalmente, a explosão das chamadas novas mídias tende a exigir, cada vez mais, um profissional distanciado do dia-a-dia mas, qualificado para a produção de CDs ROM, enciclopédias virtuais e banco de dados, à exemplo do que já acontece hoje.

Para LAGE (1996) esse novo desenho da profissão mostra a necessidade de permanente reciclagem.

“...uma reciclagem que nos permita e a inclusão entre nossas atividades boa parte das tarefas outrora exercida pelos trabalhadores gráficos. Nem repórteres, nem repórteres fotográficos, redatores, editores ou mesmo projetistas gráficos têm seus empregos ameaçados pela tecnologia, a curto e médio prazos. Ampliou-se, sem dúvida, o âmbito de suas atribuições. A reciclagem necessária para isso é do tipo inclusiva- isto é, nos obriga a acrescentar a nossas habilidades o manuseio de sistemas informatizados e o conhecimento de processos de telemática, afora, é claro, uma percepção mais aguda das questões sociais contemporâneas.” LAGE (1996: 4)

A visão de Lage é reforçada pela Comissão de Especialistas do Ministério Educação. Responsável pelo Exame Nacional de Cursos a Comissão define assim o perfil do formando em jornalismo:

*“o domínio de um ou mais idiomas, além, é claro, o domínio do português no referente a leitura, compreensão e redação. Além disso, domínio de técnicas profissionais de redação, com capacidade de: apurar informações em diferentes áreas do conhecimento e atuação humana; de contextualizar fatos, formular questões, codificar e decodificar mensagens para os diversos meios; de identificar e equacionar problemas éticos de jornalismo; de avaliar e analisar produtos jornalísticos; de planejar e efetivar projetos; de utilizar novas tecnologias e criar novos produtos...”*⁴⁷

Correspondendo às expectativas do Ministério da Educação algumas escolas começam a modificar o currículo para atender as exigências do mercado. Tome-se como exemplo o Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. A grade curricular inclui disciplinas teóricas como: Teoria do Jornalismo, Estética, Sociologia da Comunicação, Realidade Brasileira, Teoria e Método de Pesquisa Científica, Teoria da Comunicação e de disciplinas práticas: Redação para Rádio e Televisão, Fotografia, Digitalização de Som e Imagem, Editoração Eletrônica e Planejamento Gráfico, Produção Multimídia, além de línguas.

⁴⁷ - Extraído do Boletim Informativo do provão. Exame Nacional de Cursos – Jornalismo. Editado pelo MEC, em março de 1998.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As grandes transformações ocorridas no Brasil, desde o fim do século XIX até a atualidade, correspondem ao avanço do capitalismo no país. No bojo dessas transformações está a imprensa. Inicialmente ela assume uma feição artesanal, depois industrial. O personagem social deste ramo da atividade econômica, de ofício com feições artesanais passa para a de escritor literário e finalmente para ser jornalista, o profissional regulamentado. A importância da habilidade é minimizada frente às exigências da regulamentação.

Na segunda metade do século XX desenvolve-se a indústria cultural, que transforma a notícia em produto de massa. Um público cuja sede de saber e de se informar se amplia cada vez mais fazendo com que as empresas de comunicação cresçam para responder às demandas e conseqüentemente impõe mudanças significativas no jornalista profissional. O que fazer do jornalista, no entanto, não muda radicalmente. Para o jornalista, o exercício da profissão continua a consistir, basicamente, na apuração dos fatos e a transmissão destes não importando qual a ferramenta de trabalho usada para o desenvolvimento do mesmo. O

desemprego que ameaça as categorias com alto grau de automatização, no caso dos jornalistas, ainda não se verifica. Ao contrário de muitas ocupações, ela exige um certo grau de qualificação e não é passível de informatização integral. No entanto, na redação torna-se visível o fim de determinados ofícios e a extinção de postos de trabalho, que são coincidentes com o uso do computador na redação. Esse é, por exemplo, o caso dos revisores e dos copy-desk.

Não se alteram, também, as relações capital X trabalho. O jornalista continua a vender seu trabalho por uma remuneração pré-estabelecida. O trabalho é controlado através formação de um exército de reserva, numeroso e sem perspectivas profissionais imediatas, que impõe a aceitação de parâmetros salariais e de condições de trabalho abaixo das expectativas criadas para uma profissão intelectualizada e mitificada pelo próprio capital.

A reflexão sobre o cotidiano não ultrapassa o episódico e casual. Processam informações, elaboram diagnósticos e projeções de sucesso e fracasso não só da sociedade como um todo, mas dos protagonistas destas situações. Esse construir a realidade cotidiana, em muitas ocasiões, impede a reflexão sobre o próprio cotidiano, suas condições de vida e trabalho, sobre o futuro. E esse, talvez, seja dado mais contundente desta pesquisa. O computador, mudou o cotidiano – agilizou o trabalho, modernizou a redação, trouxe facilidades, mas também novas doenças.

Os jornalistas ainda não processaram essas mudanças. A revolução anunciada, é mais uma metamorfose profissional.

BIBLIOGRAFIA

ALBERT, Pierre e TERROU, François. **História da imprensa**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo e Campinas: Cortez e Editora da UNICAMP, 1995.

ARRIGUI, Giovanni. **O longo século XX**. São Paulo: UNESP, 1994.

AUED, Bernardete W. **Sobre as dificuldades e possibilidades de apreender a extinção das profissões**. Florianópolis, UFSC, 1997.

AYALA, Luis. **Empleo y tecnologia de la informacion: las ocasiones perdidas**. In: Cuadernos de Comunicacion, Tecnologia y Sociedad. Barcelona: FUNDESCO, novembro de 1991.

BARELLI, Walter. **Impactos sociais da automação**. São Paulo: DIEESE, 1984.

BENAKOUCHE, Rabah. **A informática e o Brasil**. São Paulo e Petrópolis: Pólis/ Vozes, 1985.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**. A degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

- BRESCIANI, L. P. **Tecnologia, Organização do Trabalho e Ação Sindical: da resistência à contratação.** São Paulo: Escola Politécnica, 1991.
- BOHÈRE, Gustav. **Profissão, Jornalista.** São Paulo: LTr, Brasília, Organização Internacional do Trabalho, 1994.
- CARVALHO, Ruy de Quadros. **Tecnologia e Trabalho Industrial.** Porto Alegre: L&PM, 1987.
- CASTEL, Robert. **As Metamorfoses das Questões Sociais.** Petrópolis: Vozes. 1998.
- CASTRO, José& GARCIA, Luis. **Os produtores de opinião pública: ente o grupo profissional e o grupo de status.** In: Actas do II Congresso Português de Sociologia, vol. 1. Lisboa, 1992
- CASTRO, et all. **Além de Bravermann, depois de Burawoy: vertentes analíticas na sociologia do trabalho.** Revista de Ciências Sociais N. 17. 1991.
- CORREA, Máira B. **Tecnologia.** In: CATTANI, Antonio. **Trabalho e tecnologia.** Porto Alegre: Editora da Universidade, Petrópolis: Vozes. 1997.
- COUTINHO, Carlos N. **Cultura e sociedade no Brasil.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- DEJOURS, Cristophe. **A loucura do trabalho.** São Paulo: Cortez, 1992.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal.** São Paulo: Summus, 1986.
- ESPÍNDOLA, Célio. **Automação e Emprego: uma visão geral.** In: BENAKOUCHE, Rabah (org). **A informática no Brasil.** São Paulo: Vozes, 1985. p.77-107

FADUL, Anamaria (org). **Novas Tecnologias de Comunicação**. Impactos políticos, culturais e sócio-econômicos. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

FESTA, Regina. **Os computadores revolucionam a FSP e o jornalismo brasileiro**. Ipal, 1986. mimeo.

GATES, Bill. **A estrada do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GRISE, J.B. Activités de language et representation. In: CHANLAT, Jean François & DUFOUR, M. (orgs). **La rupture entre l'entreprise et les hommes: le point de vue des sciences de la vie**. Paris: Editions d organization, 1995.

GOLDENSTEIN, Gisela. **Do jornalismo político à industria cultural**. São Paulo: Summus, 1987.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HERZ, Daniel. **A história secreta da Rede Globo**. Porto Alegre. Tchê, 1987.

HIRATA, Helena (org). **Sobre o "modelo" japonês**. São Paulo: Edusp & Aliança Cultural Brasil-Japão, 1993.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos. O breve século XX 1914-1991**. 2. Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

IANNI, Octávio. **A sociedade Global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

- IMACOLATA LOPES, Maria. **A pesquisa nas escolas de comunicação.** In: Seminário Interdisciplinar de Pesquisa em Comunicação da Região Sul, 3. Porto Alegre, 1995.
- JUPIASSÚ, Hilton. **A revolução científica moderna.** Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- KUNH, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1994.
- KURZ, Robert. **O colapso da modernização.** São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- LAGE, Nilson. **Convergência Tecnológica.** In: Congresso Nacional dos Jornalistas, 27. Porto Alegre, 1966.
- LEITE, Márcia de Paula. **Novas Tecnologias e Subjetividade Operária.** São Paulo: Oficina de Livros, 1990.
- LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era a informática.** Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1989.
- LINS DA SILVA, Carlos E. **Mil dias.** São Paulo: Trajetória Cultural, 1988.
- LOJKINE, Jean. **A revolução informacional.** São Paulo, Cortez, 1995
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional.** Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- MARX, Karl. **O capital.** São Paulo: Difel, 1985.
- MEDINA, Cremilda. **O jornalismo na Nova República.** São Paulo: Summus Editorial, 1987.
- MELO, José Marques de. **Imprensa & Desenvolvimento.** São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, 1983.

MEYER, Philip. **A ética no jornalismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OUTHWAINE, William. et alli. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

RAMOS, Murilo César. O Brasil, Mídia, e o Futuro da Política. In: **Brasil, eleições e democracia**. MATOS, Heloisa (org). São Paulo: Scritta, 1994. p. 207-208

RATTNER, Henrique. **Informática e sociedade**. São Paulo: 1985.

RIBEIRO, Jorge C. **Sempre alerta**. São Paulo: Olho D'água/Brasiliense, 1994.

RIBEIRO, José Hamilton. **O que é isso computador?** São Paulo: Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, 1982.

RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a diminuição da força global de trabalho**. São Paulo: Makron Books, 1995.

RIZZINI, Carlos. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1977.

RODRIGUES NETO, Benedito de Moraes. **Marx, Taylor e Ford**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

RODRIGUES, Marcus V.C. **Qualidade de vida no trabalho: evolução e análise num nível gerencial.** Petrópolis: Vozes, 1994.

RUIZ, V. **El trabajo a domicilio: un analisis comparativo de la legislacioón y la prática.** Genebra: Oficina Internacional do Trabalho, 1995.

SALOMON, Ilan & SALOMON, Meira. **Telecommuting: the employees perspective technological forecasting and social change.** Boston: Academy of Management Rewiew, 1985.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Reinaldo. **Vade-mécum da comunicação.** São Paulo, Edições Trabalhistas, 1989.

SARAIVA, Maria Elena H. **Os debates dos jornalistas brasileiros 1970-1982.** Brasília: Federação Nacional dos Jornalistas, 1982.

SENRA, Stela. **O último jornalista.** São Paulo. Edições Loyola. 1997

SILVA, Elizabeth B. **Refazendo a fábrica fordista.** São Paulo: HUCITEC, 1991.

SODRÉ. Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TAYLOR, Frederick W. **Princípios da administração científica.** São Paulo: Atlas, 1964.

THOMPSON, Jonh B. **Ideologia e Cultura Moderna.** Teoria Social Crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

- VIANNA, Ruth Penha Alves. **Informatização da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1992.
- VIEIRA, Pedro Antonio. **E o Homem Fez a Máquina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.
- WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- WILENSKI, H. L. **The Professionalization Everyone?**. American Journal of Sociology. 1964.
- TORAINÉ, Alain. **Le mouvement de Mai ou le communisme utopique**. Paris, Seuil, 1968.

2. Artigos de Jornais e Revistas

- CHAVES, Débora; FONTENELLE, Astrid. **Adeus às pretinhas**. Revista Imprensa. São Paulo, n. 24, p. 23- 28, 1987.
- CHAVES, Débora. **A máquina que vale por uma redação**. Revista imprensa. São Paulo, novembro de 1987, p. 42.
- DINES, Alberto. **Os 7 enigmas da incomunicabilidade**. Revista imprensa. São Paulo, n. 93, p. 17-21, 1995.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Caderno de Informática**. São Paulo, 08/11/1992, p.2.
- FOLHA DE SÃO PAULO. 27 de abril de 1997. p. 3
- GOMES, Laurentino & TRAUMANN, Thomas. **Procura-se gente**. Revista Veja. São Paulo, fevereiro de 1997, p. 80-91.

JORNAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNAIS, edição de dezembro de 1996.

JORNAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNAIS, edição de dezembro de 1997.

NASCIMENTO, Antenor & FERREIRA, Roger. **O funil estreitou.** Revista Veja. São Paulo, dezembro de 1996, p. 116-122

REVISTA IMPRENSA. **Adeus às laudas.** Revista imprensa. São Paulo, novembro de 1987, p. 36 –38.

REVISTA IMPRENSA. **A marcha batida para a informatização total.** Revista imprensa. São Paulo, novembro de 1987, p. 39- 41.

REVISTA IMPRENSA. **Os bravos pioneiros do pincel eletrônico.** Revista imprensa. São Paulo, novembro de 1987, p. 44- 45.

REVISTA IMPRENSA. **O fim das pretinhas nas telas de um micro.** Revista imprensa. São Paulo, novembro de 1987, p. 46.

REVISTA IMPRENSA. **O jornal diário busca seu futuro.** Revista imprensa. São Paulo. n. p. 38, 1997.

PENNA, Lincoln Abreu. **Na Criação, o Puro Retrato da Realidade.** Jornal da ABI. Rio de Janeiro, junho de 1998, p. 09-12.

SANTOS, Vânia. **A Luta Sindical dos Jornalistas.** Revista Comemorativa ao XXIII Congresso Mundial dos Jornalistas. Recife , maio de 1998, p. 54-56.

SOARES, Angelo. **Teletrabalho e comunicação em grandes CPDs.** Revista de Administração de Empresas. v. 35, nº 2. São Paulo, 1995. p.64-77.

3. Teses e dissertações

BIANCHETTI, Lucídio. **Da chave de fenda ao laptop: um estudo sobre as qualificações dos trabalhadores na Telecomunicações de Santa Catarina (TELESC)**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade de São Paulo, 1998.

CORREA, Elizabeth Nicolau Saad. **Tecnologia, jornalismo e competitividade: o caso da Agência Estado**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, 1994.

OLIVEIRA, Martha M.V. **A ergonomia e o teletrabalho no domicílio**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, 1996.

PRETO, Nelson de Luca. **A universidade e o mundo da comunicação**. Análise das práticas audiovisuais das universidades brasileiras. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, 1994.

THOME, Zeila R.C. **Inovação tecnológica, intelectualização e automatização da atividade humana na produção: desafios para a educação**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Educação, 1993.

VASCONCELOS, Eliane J.G.de. **Trabalhadores informais: o sentido da sua escolha de trabalho**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Sociologia Política, 1994.

Outros documentos

1. Acordos e dissídios coletivos de Sindicatos de Jornalistas de São Paulo, Santa Catarina, Ceará, Distrito Federal e Rio de Janeiro no período compreendido entre 1982-1997.
2. Boletim Informativo do Provão. Editado pelo Ministério da Educação, 1998.